uma novela por

REBECA FERREIRA

Querida futura eu




Querida
futura
en

Contents

Copyright © 2023 Rebeca Ferreira
SINOPSE
NOTA DA AUTORA
PLAYLIST
DEDICATÓRIA
EPÍGRAFE
PRÓLOGO
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO QUATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
EPÍLOGO
FIM!
AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA

Copyright © 2023 Rebeca Ferreira

Todos os direitos reservados.

Revisão: Débora Ciampi Eller | @debora_entrelinhas

Diagramação: Rebeca Ferreira

Capa: Sophia Oliveira | @estudio.potti

Ilustrações do miolo: Canva Pro

Todos os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança que não seja expressa previamente por parte da autora trata-se de mera coincidência.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial, ou qualquer tipo de impressão sem a prévia autorização da autora deste livro. Abre-se exceção para citações breves para resenhas e avaliações.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº9610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SINOPSE

Quanto a vida pode mudar em dez anos?

Malu está no tão esperado último ano do Ensino Médio.

Ao receber como atividade o desafio de escrever uma carta para a Malu de dez anos à frente, a garota se questiona sobre as escolhas que precisa fazer no “agora” e como lidar com o futuro que bate à sua porta.

Entre tomadas de decisões, um baile de formatura e uma parceria inesperada com seu ex-melhor amigo, a jovem garota aprenderá que confiar em Deus é sempre a melhor escolha.



NOTA DA AUTORA

Querida leitora ou leitor, sejam bem-vindos a “Querida Futura Eu”. Se é sua primeira vez aqui, eu agradeço a confiança e espero que você goste da história. Se veio por “Rei da Luz”, devo admitir que esta é uma história bem diferente, mas com o mesmo propósito: espalhar o evangelho.

Antes de iniciar a leitura, quero deixar alguns pontos claros:

Esta é uma obra cristã, por isso aqui estão refletidos meus valores, crenças e princípios. Mas quero avisá-los que este livro é falho como a autora. Não leve tudo que está escrito como verdade absoluta. A Bíblia é a única que é inerrante e infalível.

Além disso, este livro é uma ficção. Personagens e acontecimentos são frutos de minha criação.

Por último, aproveite a leitura. Que Deus te abençoe e que “Querida Futura Eu” seja um livro edificante em sua vida.

Obrigada!

Com carinho,

Rebeca Ferreira.

PLAYLIST

Se você gostar de ler com música, é só scanear o QR Code abaixo para acessar a playlist oficial de Querida Futura Eu.

DEDICATÓRIA

Para Aquele em quem deposito minha confiança de olhos fechados.

Para aqueles que precisam aprender a confiar em Deus. Ele é refúgio e fortaleza.

EPÍGRAFE

“Buraco escuro, a fé é isso

Você se joga e deixa com Deus o impossível”

— “Risco”, de Marcela Taís



PRÓLOGO

Campo Alegre, 2023

Com que frequência você pensa no futuro?

Como você se imagina daqui a dez anos?

Questões como essas são comuns quando estamos na escola, principalmente nos primeiros dias de aula. É quando você conta seus sonhos, metas, ambições. É quando você é levado a pensar que o tempo passa e o futuro, que parece tão distante, é logo ali.

Quando me perguntaram isso pela primeira vez, não consegui pensar muita coisa. Eu era adolescente e estava no auge do desejo de ser adulta.

Aos 12 anos, eu imaginava que aos 22 estaria rica, bem-sucedida, formada, com um apartamento e quem sabe casada. Agora sorrio com a inocência da minha eu adolescente em pensar que ser adulto resolvia todos os problemas.

Ao longo dos anos, me fizeram essas perguntas algumas vezes, mas na maioria delas não sabia exatamente como me imaginava. Eram só ideias soltas, sem objetivo nenhum.

Aos dezessete anos, minha professora de História, Soraia, propôs a escrita de uma carta para o futuro. Não tão longe nem tão perto. Uma carta para ser lida dez anos depois de feita.

Uma loucura, pensei em um primeiro momento. Quer dizer, escrever uma carta para minha eu do futuro? O que eu escreveria? Como as cartas resistiriam ao tempo? O que poderia acontecer em dez anos? Quem eu seria em dez anos? Eu estaria viva?

Ainda conseguia escutar as palavras de Soraia naquele dia:

"Nós somos feitos de histórias. Quem veio antes, quem somos hoje e quem seremos amanhã. Quem vocês desejam ser amanhã? Daqui a dez anos? Do que gostariam de lembrar dessa época? Um conselho para o futuro? Uma memória especial hoje? Uma expectativa? Escrevam aquilo que toca seus corações. Pensem em algo que pode mudar a vida de suas versões futuras, que traga riso a elas, que as faça lembrar de quem vocês foram um dia e que, daqui a dez anos, vocês possam saber que o tempo passa e a vida é breve demais. Toda a incerteza que hoje vocês sentem talvez, daqui a dez anos, seja como a folha levada pelo vento."

Soraia estava completamente animada naquele dia e sua alegria contagiou a todos. Mas a mim trouxe uma reflexão que eu não estava pronta para encarar.

Antes de sair de casa, eu havia lido que "bastava a cada dia seu próprio mal". Como eu poderia controlar o que aconteceria daqui a dez anos? O que eu poderia esperar do futuro?

Durante as semanas que se seguiram, Soraia nos ajudou na escrita da carta e eu pude tentar colocar no papel o que afligia meu coração pensando como a Malu de 28 anos reagiria àquela adolescente cheia de dúvidas, temores e ansiedades a respeito do amanhã.

E eu estava prestes a descobrir.

— Malu! — Escutei meu marido chamar.

— Oi, amor.

— Chegamos. — Apontou para o prédio da escola após estacionar.

Um mês atrás, recebi um e-mail da escola contando que abririam a caixa onde as cartas foram guardadas e convidaram os alunos a estarem presentes.

Foi uma grande surpresa, pois nem eu mesma me lembrava das cartas escritas. Tanto tempo havia se passado que era difícil acreditar que a escola as tinha mantido guardadas. Encontrava-me ansiosa e nervosa em reencontrar antigos colegas. Perdi contato com a maioria deles após meu casamento e mudança de cidade.

Aquela era uma das partes que a Malu de dezoito anos não acreditaria: o fim, ou pelo menos o distanciamento, das amizades do Ensino Médio. A vida e sua constante mudança.

Minha mãe sempre dizia que algumas amizades são assim, você passa anos sem ver a pessoa e, quando se encontram, parece que nunca estiveram distantes.

Eu tentava, em meio à correria, acompanhar pelas redes sociais a vida das amigas que foram mais próximas. Ainda costumava orar por elas quando memórias dos anos que havíamos passado juntas vinham à minha mente.

— Está tudo bem? — Meu marido segurou minha mão.

— Está, sim! — Tentei sorrir. — Só queria lembrar o que escrevi naquela carta.

— Acho que podemos ir descobrir, não é? Estou curioso também. — Senti seu carinho em meus dedos. Ele sabia reconhecer meu nervosismo quando nem eu mesma entendia.

— Vamos!

Saímos do carro dando de cara com a fachada do colégio que pouco se parecia com a da minha época. O prédio tinha passado por reformas e agora era mais moderno.

Arrumei o macacão azul-escuro que vestia e dei graças a Deus por não ter vindo de salto. Os tênis nos pés trouxeram mais conforto naquele momento.

A noite estava iluminada por causa da lua cheia e havia estrelas no céu como um presente para ser apreciado apesar das luzes dos postes.

Seguimos por um corredor que não tinha se alterado na última década e entramos na quadra que virava auditório quando necessário. Era inevitável não lembrar de cada momento vivido ali.

— Meu Deus, parece uma viagem no tempo! — exclamei.

— Muitas lembranças do Ensino Médio. — Meu marido comentou e concordei com ele. Estar naqueles corredores me remetia a um tempo que parecia que nunca iria passar e agora eu sabia que havia voado.

Encontramos um grupo de alunos sentados em uma roda e aproximei-me com um pouco de timidez junto ao meu marido, que, ao contrário de mim, saiu cumprimentando a todos sem qualquer resquício de introversão.

— Malu, que bom que veio! — Recebi o cumprimento de uma antiga colega, Andressa. Ela era uma das organizadoras do evento que entrara em contato comigo. — Faz tempo que não

te vejo, mulher. Como você está? — Abraçou-me, então arregalou os olhos ao sentir a pequena barriga que ainda não aparentava muito na roupa. — Você está grávida — constatou com uma carícia.

— Estou bem, graças a Deus, e você? — Apertei sua mão com carinho. — Pois é, o Senhor nos abençoou. — Sorri.

— Ah, eu estou bem. Ser mãe é maravilhoso! Eu tenho dois. — Levantou os dedos sinalizando. — Você sabe se Carolina vem? Ela não respondeu ao e-mail de confirmação — murmurou.

— Não sei te informar, Andressa. — Tentei lembrar se Carol havia comentado se vinha quando nos falamos rapidamente duas semanas atrás, após eu chegar na cidade, e não encontrei a informação.

— Ah, que pena — lamentou. — Espero que venha, acredito que vai ser muito legal reunir toda a turma, não é?

— Eu acho que sim. — Dei um sorriso sem jeito.

Cumprimentei o restante do pessoal reconhecendo ligeiramente alguns rostos. Outros, demorava mais para lembrar quem era. O clima estava nostálgico e bastou uma memória ser comentada para que eu me sentisse uma adolescente de novo e a timidez, que os anos trouxeram, fosse embora.

— Quase não te reconheci — uma colega comentou.

— Por quê? — fiquei curiosa.

— Toda tímida, nem lembrava a Malu do Ensino Médio. — Riu e a acompanhei em concordância.

Eu fui realmente uma garota muito extrovertida. Fazer parte da equipe do jornal havia me dado uma certa fama dentro da escola e me fez conhecer quase todo mundo. Contudo os anos e as responsabilidades fizeram com que eu me tornasse mais introvertida, calma e um tanto diferente da adolescente que havia sido. Ainda era uma tagarela, mas agora controlada.

A reunião demorou a iniciar devido ao atraso de alguns, e o tempo parecia pouco para colocarmos assuntos de dez anos em dia. A maioria dos meus antigos colegas havia deixado a cidade para fazer faculdade na capital, poucos haviam ficado e se estabelecido por aqui. Eu apenas retornava à cidade durante algumas férias para visitar meus pais quando eles não podiam

ir até onde eu morava.

— Trouxe um suco para você. — Meu marido ofereceu o copo e sorri em agradecimento.

— Eu estava com sede mesmo! — Aceitei a bebida e ele sentou-se ao meu lado.

— Gostando de rever os colegas?

— É legal, né, amor? — murmurei. — É incrível como dez anos passam ligeiro, quando estávamos no Ensino Médio parecia que nunca ia acabar, e aqui estamos.

Nossa conversa foi interrompida quando ouvimos o som de um microfone sendo ajustado.

— Boa noite a todos. — Andressa chamou nossa atenção. — Começo pedindo perdão pelo atraso, houve alguns imprevistos, mas estou feliz que a maioria aceitou o convite e está aqui. Quando a Gisele pediu que eu organizasse a reunião, fiquei pensando se todos viriam, pois sei que é muito difícil conciliar uma data que todo mundo esteja livre, não é? — Alguns comentários saíram em concordância. — O motivo do convite para nos reunirmos dez anos após nossa formatura é porque Gisele — Apontou para uma moça que acenou com timidez. — entrou em contato conosco para falar sobre as cartas que encontrou. Infelizmente, no último ano, a nossa querida professora Soraia veio a falecer. Sua filha encontrou as cartas que ela guardou nos últimos dez anos e decidiu devolver a cada um, como era o desejo de sua mãe.

O silêncio que abateu o auditório foi quase palpável. Soraia havia partido. Aquela era, sem dúvida, uma notícia que ninguém esperava receber. As lembranças da professora cheia de astral inundaram minha mente. Quem diria que ela não estaria aqui para ler a carta que havia escrito?

Ninguém tem muita noção do que pode acontecer em dez anos até que aconteça. Até que os anos passem e a vida siga. A morte é um evento que ninguém parece estar pronto para viver, mesmo que seja a única certeza de todos.

Soraia partiu, e isso me trouxe o pensamento do quanto uma década pode afetar uma pessoa. Quanto podemos mudar? O que pode acontecer?

No último ano do Ensino Médio, minha vida havia mudado para sempre e, com certeza, os dez anos que vieram foram modificados por causa daquele ano.

Andressa passou o microfone para Gisele que, de maneira retraída, nos cumprimentou.

— Boa noite! — respondemos de volta.

Ela olhou para os lados, como se procurasse um ponto de apoio, e deu um breve sorriso ao receber nossa resposta.

— Eu nem sei o que falar. Meu desejo era que minha mãe estivesse aqui entregando essas cartas a vocês, mas o Senhor a chamou antes. Quando li a carta dela, eu só consegui pensar que precisava, de alguma maneira, entregar as de vocês e talvez ler o que mamãe escreveu. Vocês foram a única turma em que ela fez isso, e eu não sei o porquê, ela nunca contou. Mas eu penso que Deus sabia. — Suspirou. — Talvez há dez anos alguém precisasse, ou talvez hoje alguém precise lembrar de algo. Espero que essas cartas sejam boas para vocês, como foi ler a carta de minha mãe e comprovar que o que ela escreveu há dez anos foi cumprido na vida dela. — Sua fala trouxe curiosidade a todos nós.

Meu coração desejou que Soraia estivesse ali também, mas eu sabia que, se a fé dela de anos atrás continuasse a mesma quando partiu, então Soraia estava muito melhor do que nós e vivendo um futuro maior do que ela própria imaginaria para si.

Andressa pegou uma caixa e, após abri-la, começou a entregar as cartas. Os envelopes, que um dia tiveram suas cores fortes, agora estavam amarelados pelo tempo e, para minha surpresa, um tanto conservados. Fico pensando em Soraia guardando cada carta. Gostaria de saber o que ela pensava quando via a caixa.

— Se me permitem, gostaria de ler a carta de minha mãe antes do término desta reunião — Gisele recomeçou sua fala prendendo nossa atenção a ela.

Apertei a mão de meu marido e encostei-me nele, voltando meus olhos a Gisele.

“Queridos alunos…”



CAPÍTULO UM

Campo Alegre, 2013.

"Queridos alunos, escrever esta carta não tem sido fácil como eu pensei que seria. Deve ser meu terceiro rascunho, em que tento colocar em poucas palavras como foi prazeroso ser professora durante os últimos trinta anos. Estou prestes a encerrar esta fase da minha vida que me trouxe inúmeros aprendizados."

O relógio na parede parecia ter quebrado, pois toda vez que levantava meu rosto os minutos não passavam. Eu não odiava a aula de História, mas, quando era sexta-feira (e era a última aula), meu cérebro já não conseguia registrar mais nada do que a professora falava.

Tudo que saía da boca dos professores era sobre vestibular, ENEM, provas. O último ano do Ensino Médio estava sendo mais difícil do que eu imaginava. "Você precisa decidir seu curso", era o que eles falavam quando eu dizia que não fazia a mínima ideia do que queria. Mas eu não era uma aluna desleixada.

Durante os últimos três anos, eu havia tentado ao máximo ser excelente na escola e, fora dela, uma filha exemplar e uma boa cristã. Mas, agora, tudo que eles queriam era que eu decidisse meu futuro, como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

Quem consegue decidir a vida aos dezessete anos? O pensamento invadiu minha mente. Eu não sei nem o que vou comer mais tarde, imagina escolher uma faculdade que vai guiar meus próximos anos?

Rabiscava meu caderno enquanto escutava ao fundo a professora falar sobre a Revolução Industrial e sei lá mais o quê. Talvez fosse porque eu sempre havia tido mais afinidade com Biológicas, e História não me interessasse muito no momento.

Senti algo me cutucar e virei para trás encarando minha maior dor de cabeça nos últimos três anos: Leonardo. Não sei por qual motivo, mas parecia que eu havia jogado pedra na cruz e, desde o primeiro dia de aula do Ensino Médio, ele implicava comigo. Quando éramos crianças, frequentávamos a mesma igreja e éramos amigos, mas quando veio a adolescência tudo mudou — e eu nunca entendi muito bem o porquê.

— O que é? — resmunguei.

— Presta atenção na aula. — Apontou para a professora. Respirei fundo e dei-lhe um sorriso irônico, voltando minha atenção para os meus rabiscos. — O que você está escrevendo, Maria Luana? — Puxou meu caderno.

Eu juro que tentava não me irritar, mas esse garoto era fora de série.

— Leonardo, devolve meu caderno — pedi, ainda mantendo o controle, e ele me olhou com um sorriso que me fazia fechar os olhos.

— Ideias para o jornal da escola. — Leu as anotações.

— Só me devolve, Leonardo! — Estava quase a ponto de implorar.

— Será que o casal pode voltar a atenção para a aula? — Escutei a professora falar e gemi, frustrada. O que eu menos queria era chamar atenção.

— Foi mal, professora! — Ele deu um sorriso para ela.

O garoto perfeito e exemplar. Só comigo que ele nunca foi.

Leonardo colocou meu caderno em minha cadeira e levantou os braços em rendição.

— Foi mal, Maria Luana. — E o nome completo novamente. Ele sabia que eu odiava e por isso todos me chamavam de Malu, mas Leonardo fazia questão.

— É Malu — resmunguei baixinho.

Olhei para o relógio novamente e o tempo ainda parecia congelado. Bocejei, pensando no quanto estava com fome e no que faria mais tarde. Um papel bem enrolado caiu na minha mesa e abri, sabendo de quem devia ser.

“Reunião de estudos hoje?”

“Sim” Enrolei o papel de volta após escrever.

Devolvi para a loira à minha frente, que por um acaso é uma das minhas melhores amigas.

— Essa aula parece que nunca vai terminar — cochichou quando lhe entreguei o papel.

— Nem me fale — suspirei.

— Bom, alunos — Soraia chamou nossa atenção. — Fim de ano chegando e eu tenho um trabalho muito legal para fazermos juntos. — A palavra “trabalho” fez com que eu direcionasse minha concentração para ela, mesmo faltando apenas cinco minutos para o fim da aula.

Já estávamos em novembro, a poucas semanas do término do ano escolar, então todo trabalho valia pontos que poderiam salvar qualquer aluno.

Soraia, a professora, era uma mulher divertida. Suas aulas eram sempre recheadas de humor; mesmo que eu não tenha conseguido prestar muita atenção hoje, eu sabia que o problema estava em mim. O cabelo curto e iluminado a deixava mais jovem do que era e eu sorri ao pensar que, se eu fosse professora, gostaria de ser como ela. Não em aparência, mas em conseguir manter o humor mesmo quando a sala não estava nem aí para sua aula.

Abri minha agenda para anotar as orientações do trabalho.

— Vamos fazer uma caixa do futuro — falou.

Todos ficaram curiosos e agitados.

“Quê?”, “Mais um trabalho?”, “Caixa do futuro?”… Os cochichos ecoavam pela sala.

Cutuquei Carol, que se virou para mim.

— Ela falou algo antes?

— Não — sussurrou. — Mas estou curiosa.

— Eu também. Espero que Fabiana consiga fazer também, já que ela não veio hoje — citei nossa amiga.

— Turma. — Soraia bateu palmas. — Conversando desse jeito, nunca vão entender o

trabalho — repreendeu e nos calamos, mais pela curiosidade do que pela obediência mesmo.

Olhei para Alessandra, que sempre se sentava na frente, e minha amiga acenou, dizendo que queria falar comigo depois. Balancei a cabeça em concordância. O Ensino Médio ficou mais divertido com meu grupo de amigas. A única que eu conhecia desde a infância era a Carol, as outras, Alê e Fabi, conheci anos mais tarde. Nunca mais nos desgrudamos e fazíamos um bom grupo, cada uma com sua personalidade.

— Como vocês se imaginam daqui a dez anos? — E foi essa pergunta que mudou a minha vida, de certa forma. Mas isso eu só saberia anos depois. — A caixa para o futuro é onde guardaremos cartas escritas para nós mesmos daqui a dez anos.

— E o que isso tem a ver com História? — um colega, Iago, perguntou.

— Somos feitos de história. O que vivemos hoje, amanhã e daqui a dez anos é história. E estamos registrando isso. Pense o quanto será incrível abrirmos as cartas daqui a uma década e compararmos as nossas expectativas com o que estaremos vivendo? — A empolgação de Soraia era tão grande que logo contagiou a todos.

— Ah, eu achei legal — Leonardo comentou, fazendo-me revirar os olhos. Foi só ele dizer que toda a turma começou a concordar.

— E se alguém tiver morrido? — Alessandra perguntou.

— Credo! — Lorena reclamou. — Que mórbido.

— Continuará sendo história, Alessandra — Soraia respondeu. — Quero mostrar para vocês o quão breve é a vida. Nesse momento que vocês precisam tomar decisões importantes, eu quero que pensem como elas vão impactar seus futuros e como dez anos passam rápido.

— Ninguém consegue decidir a vida aos dezessete anos — expus minha opinião sem pensar direito.

Todos se viraram para mim, na expectativa de que eu falasse mais alguma coisa e dei de ombros.

— Também acho que não, Malu. — Soraia sorriu. — Mas quero mostrar também que, em qualquer época, podemos recomeçar. Eu recomecei aos 26. Dez anos passam mais rápido do que imaginam. Escrevam um conselho, ou uma memória que é importante hoje. Escrevam o que gostariam que suas versões mais velhas lembrassem.

Bom, não que escrever fosse algo difícil, afinal eu era editora no jornal da escola, mas

quando se falava em escrever algo tão pessoal assim, começava a ter medo. Eu não sabia o que colocar e talvez levasse um tempo para decidir.

— Vocês têm duas semanas para escrever. No último dia de aula, vamos colocar as cartas na caixa do futuro, fechá-la e abrir somente no início da próxima década.

Soraia com certeza havia deixado a turma eufórica e, quando o sinal bateu anunciando o término da aula, todo mundo ainda comentava o que escreveria.

O que eu vou escrever? Era o pensamento que rondava em minha mente.



CAPÍTULO DOIS

"Talvez vocês pensem que ensinei muito a vocês, mas devo confessar que quem mais aprendeu fui eu. Vocês passaram aproximadamente por quinze anos de vida escolar, eu tenho o dobro de idade. Vi vocês entrarem e agora os vejo partir. Meu coração se enche de alegria e do sentimento de dever cumprido."

Fechei minha bolsa ao guardar meu material enquanto minhas amigas conversavam sobre nossos planos para mais tarde. Saímos da sala juntas e encontramos um aglomerado de alunos olhando para o painel de avisos que tinha na frente de todas as salas.

— Vamos ter um baile após a cerimônia de formatura — uma de nossas colegas gritou, deixando-nos surpresas.

Olhei para minhas amigas arqueando as sobrancelhas com aquela novidade. Era nítida a surpresa para todos, pois faltavam apenas duas semanas para o término das aulas e havíamos passado o ano inteiro pedindo pelo baile, para a escola nos comunicar nas semanas finais.

— Será que conseguimos encontrar vestidos adequados? Eu ia vir com um curto — Carol comentou. Do nosso grupo, ela era a mais antenada em moda. Eu mesma nem havia pensado na roupa da colação, pois haviam dito que era um evento simples, só para tirar foto com a beca e o diploma. — Agora precisamos ir em busca dos vestidos perfeitos! — Exclamou animada.

— E estudar para as provas para sermos aprovadas — Alessandra disse e Carol revirou os olhos.

— Nem quero lembrar disso. — A loira se encostou na parede. — Quando vamos em busca dos vestidos?

— Posso falar com minha mãe para nos levar — propus e elas balançaram a cabeça em concordância.

— Então, estudo hoje novamente? — Alessandra abriu a boca com um bocejo.

— Na minha casa — confirmei.

— Aviso à Fabi — Carol disse.

Nos últimos dois meses, começamos a nos reunir para estudar duas vezes por semana para os vestibulares. Costumávamos fazer provas em conjunto e debater as questões. Deu certo nas últimas provas. Já havíamos feito o ENEM e ainda havia mais alguns vestibulares das faculdades de cidades vizinhas a nossa em que tínhamos nos inscrito.

— Preciso ir, meninas. Ainda tenho reunião do jornal — acenei em despedida.

Caminhei até a biblioteca da escola pensando nos detalhes da última matéria que escreveria. Cada pessoa da equipe era responsável por uma área do jornal. Comentávamos os torneios esportivos (chamados interclasses), dicas de receitas (que nem todo mundo lia), clubes do livro (era só um) e as últimas notícias da escola. Com certeza teria uma sobre o baile do terceiro ano.

Eu era a responsável por aprovar as matérias. O cargo de editora-chefe era meu, pois sempre uma formanda assumia o comando, mas eu sabia que estava prestes a passar essa responsabilidade para outro aluno. Eu havia amado fazer parte da equipe, mesmo que houvesse situações desanimadoras às vezes. Deus sabia o quanto foi bom desenvolver meu lado criativo na escola.

Minha última ideia era escrever uma matéria voltada para os formandos do último ano, entretanto ainda precisava pensar mais um pouco e tornar a ideia sólida.

Encontrei a equipe reunida esperando por mim.

Após quase meia hora de reunião, decidimos os temas da última edição do ano. Na semana seguinte, teríamos a eleição para a próxima editora e comuniquei a equipe para que já pensassem se iriam querer o cargo. Meu único desejo era que quem fosse assumir meu cargo gostasse muito do jornal e que o mantivesse funcionando mesmo quando os alunos não se interessassem tanto.

Liguei a cobrar, já que estava sem créditos, para minha mãe, a fim de avisar que já estava liberada na escola. Eu havia ganhado meu primeiro celular ano passado e tinha sido a última do meu grupo de amigas a ter um aparelho. Não era tão avançado como outros modelos, mas eu conseguia trocar SMS e tirar fotos.

Sentei-me no banco em frente à escola enquanto aguardava minha mãe chegar. Estava fazendo um calor insuportável e, mesmo sabendo que no meu estado era comum esse clima, eu não me acostumava. Sentia-me um tanto preguenta com o suor e o sol do meio-dia. Guardei o celular e peguei um livro que carregava sempre na mochila para ler quando estivesse esperando.

— Ainda por aqui? — A voz tão conhecida me fez fechar os olhos.

— Uhum. — Nem levantei a cabeça.

— Qual é o livro? — perguntou e ergui o exemplar para que ele lesse o título. — “As Crônicas de Nárnia”. Não sabia que gostava de livros de fantasia.

— Não somos amigos para você saber — respondi sem pensar e um tanto surpresa por ele saber a temática do livro.

— Eita! — Levantou as mãos. — Sem rispidez, vim em paz. — Sorriu. Encarei Leonardo sem saber por que ele estava puxando assunto comigo. — Qual é, Maria Luana, a gente era amigo, não era?

— Até que você decidiu que não queria mais ser. — Dei de ombros, a fim de encerrar o assunto.

— Afasta aí e deixa eu me sentar — pediu e apontei para o outro lado do banco. — Oxe! — Ele me ignorou e se sentou ao meu lado. — Ficou sabendo do baile? — Levantei as sobrancelhas. — Claro, que pergunta boba.

— Ainda bem que sabe — sussurrei.

— Você machuca meu coração desse jeito, Maria Luana!

— Você sabe que odeio ser chamada assim!

— É teu nome. — Deu de ombros e suspirei, sabendo que não adiantava eu reclamar. — Vai com quem pro baile?

— Quê?

— Tu sabe. Teu par — disse, como se fosse óbvio. — Não precisa de par para ir ao baile? Tipo os dos filmes?

— E você anda assistindo a filmes de bailes, Leonardo? — Não perdi a oportunidade de zombar dele.

— Minha irmã que coloca. — Inventou a desculpa.

— Tua irmã de seis anos? Sei. — Sorri. — Mas não sei, não. Acho que não tem isso de par, não. — Fingi que não fiquei curiosa com esse assunto

— O Iago chamou a Paloma — contou, passando a mão pelo cabelo. As ondas caíram por seu rosto, dando uma sensação de maciez e eu não sabia por que estava observando esse detalhe.

— Legal — respondi sem entender por que ele estava me contando isso; quer dizer, não éramos amigos e esse papo estava estranho. Na maioria das vezes, quando estávamos conversando, era pura implicância ou competição.

Minha mãe buzinou e nos livrou do silêncio constrangedor. Guardei o livro rapidamente na mochila e levantei-me para ir embora.

— Tchau, Maria Luana — Leonardo se despediu com um aceno e dei um tchau de volta.

O trânsito estava totalmente parado. Dei graças a Deus por ter trazido minha blusa de frio, que me protegia mais do sol do que de uma friagem, ao pararmos no sinal.

— Eita, sol quente — mamãe reclamou quando descemos de sua Biz ao estacionar em casa.

— Já viu fazer menos de 35ºC no Maranhão em pleno meio-dia, dona Fernanda? — brinquei.

— Uma chuva seria bom para aliviar esse calor!

Fui direto para o quarto após entrarmos, em busca de tomar um banho antes do almoço. Abri a cortina e a janela, deixando que entrasse luz natural e um pouco de ar, mesmo que não ventasse. Como meu quarto tinha a janela para uma parte do quintal, não havia problemas em abrir.

Minha barriga roncou e apressei-me para ir comer.



Se havia algo que minha mãe não abria mão era do almoço em família. Até nos dias que meu pai não conseguia vir para casa por causa do trabalho, ela nos fazia sentar à mesa e comer todos juntos. Ela sempre dizia que era um momento sagrado e nunca discutimos isso. Então nada de televisão ligada nem cada um em seu canto.

Ao chegar à cozinha, deparei-me com minha irmã mais nova, Mabi, trazendo os pratos para a mesa e aproveitei para ajudar a arrumar. O almoço era simplesmente minha comida favorita, arroz com fava, carne de sol e vinagrete. Salivei ao sentir o cheiro.

— E como foi a escola hoje? — mamãe perguntou a mim.

— Terá um baile de formatura — contei a novidade. — Foi informado hoje.

— Então teremos que ir à procura de vestidos. — Bebeu um gole de suco.

— Sim, mamãe. Será que eu poderia ir com as meninas? A senhora pode ir conosco — aproveitei para pedir.

— Vamos pensar, não é? Andar com quatro adolescentes no centro... — Enrugou a testa. — Sei, não.

Mas eu sabia. Quando era não, ela dizia logo. O “sei, não” era que provavelmente ela iria, sim.

— E meu pai? — perguntei.

— Foi almoçar com o chefe, que estava na cidade hoje — contou. Meu pai era contador em uma empresa farmacêutica.

Mabi, que estava comendo sem prestar atenção em nossa conversa, sinalizou para nós, contando que teve um trabalho de Ciências para apresentar hoje. Minha irmã é surda, ela já nasceu assim e mudou a nossa vida. Maria Bianca, ou Mabi, que era seu apelido, havia sido um presente do Senhor em nossas vidas.

Minha mãe tinha dificuldades para engravidar e achava que depois de mim não conseguiria mais ter filhos. Eu nasci com sete meses, depois de uma gestação de risco. Mas meus pais nunca desistiram, então, quando eu tinha sete anos, entraram na fila de adoção e, depois de

um ano de espera, Mabi veio para nós com poucos meses de nascida.

Pelo fato de o perfil dos meus pais aceitar crianças com deficiência, minha irmã logo foi encaminhada para nossa família. Muitas famílias querem filhos “perfeitos”, por isso demoram tanto na fila de adoção, mas meus pais sempre repetiam para quem quisesse ouvir: se um filho biológico viesse com alguma deficiência, você o rejeitaria? Então eles não tinham por que rejeitar uma filha por adoção que fosse surda.

É claro que cada família sabia de sua situação e se eram capazes de mudarem suas vidas para criarem crianças com deficiência. Aprender a Língua de Sinais Brasileira foi um desafio para meus pais, mas para mim foi fácil, já que eu era criança, então se tornou minha segunda língua.

“E você conseguiu apresentar?” perguntei sinalizando.

Ela afirmou que sim, apesar de ter ficado tímida no início. A escola de Mabi era uma bênção, pois havia uma intérprete dentro da sala para ajudá-la e a própria professora também estava aprendendo Libras.

Minha mãe perguntou a ela se havia alguma atividade para fazerem à tarde e ela disse que sim, contando que uma amiga a havia chamado para brincar no parque. Mamãe disse que conversaria com a mãe da amiga depois para combinarem o dia.

Mabi perguntou onde estava Amora, nossa cadelinha, e mamãe respondeu que estava no *petshop*.

Depois de terminar de comer e limpar a cozinha para minha mãe, fui arrumar meu quarto para esperar as meninas.

Minha escrivaninha estava com alguns livros espalhados e comecei a arrumar a pequena estante que eu tinha. Eu amava livros cristãos e aos poucos estava descobrindo autoras que escreviam ficção cristã, por mais difícil que fosse encontrar.

— Por isso eu digo que, se mantiver o quarto arrumado, não vai ter tanto trabalho quando precisar — minha mãe comentou, com uma risada.

— Mãe! — Revirei os olhos.

— Me conta quais os seus planos? — Ela se deitou em minha cama após ligar o ventilador. Estava quente como se houvesse um sol para cada morador.

— Que planos?

— Vestibular, ENEM, término do Ensino Médio…

— Eu não faço a mínima ideia. — Deitei-me ao seu lado. — Às vezes me sinto perdida em relação ao futuro.

— ENEM, você já fez, mas ainda falta o resultado. — Assenti. — É normal, querida. Mas tem algo que você pode fazer.

— Eu sei, mamãe. Apresentar ao Senhor minhas ansiedades em oração. Tenho feito isso — contei. — Só que ainda tenho muitas dúvidas.

— Pode confiar e descansar no Senhor. Ele lhe dará paz. — Senti seus dedos enroscados no meu cabelo em forma de carinho. — E o jornal?

— É um misto de emoções. Triste por estar saindo e feliz pela sensação de que amei fazer parte todos esses anos. Agora vou produzir minha última matéria e não sei bem como expressar o que eu quero.

— Bom, um rascunho é sempre um bom começo — brincou e concordei com ela.

— Sempre é. Vou fazer uma lista dos temas que posso usar — falei, já me levantando em busca do meu caderno de anotações.

— Malu e suas listas!

— É a melhor forma de organização, gosto de dar *check* em cada item que escrevo. — Ofereci-lhe um sorriso.

A conversa durou até o telefone da mamãe tocar e ela ir em busca do aparelho.

— Se precisar de ajuda com o jornal, estou aqui. — Piscou antes de sair.

Minha mãe foi a primeira a me apoiar quando me candidatei ao jornal e sempre gostou de saber o que estávamos fazendo por lá e me aconselhar com dicas, já que era jornalista.

Contudo, por incrível que pareça, esse não era o caminho que eu queria seguir após o Ensino Médio. Tampouco a área do meu pai, que era contador; mesmo com sua influência positiva, eu não conseguia amar os números.

Havia tantas dúvidas em meu coração. A principal delas era por desejar encontrar um meio de glorificar a Deus com minha escolha.

Ainda me sentia perdida em relação às decisões que precisava tomar. Claro que havia algumas opções, mas nenhuma delas fazia meu coração bater mais rápido.

Fechei meus olhos, lembrando dos conselhos que papai me dera em nossa última

conversa sobre o futuro. Ele e mamãe sempre estavam presentes quando eu tinha crises de dúvidas.

"'Lance sobre ele todas as suas ansiedades, pois ele tem cuidado de vós.'[1] *Papai me abraçou.*

'Até mesmo sobre a faculdade?' Funguei, por causa do choro.

'Querida, Deus se importa com cada detalhe da sua vida, até a faculdade que você escolhe. Fale com o Senhor sobre suas dúvidas, medos, ansiedades. Ele é a melhor pessoa para trazer paz ao seu coração. Nunca duvide disso.'"

Desde essa conversa, eu dedicava um tempo a mais em oração sobre esse assunto. Havia convidado as meninas para orarem também, mas somente Carol havia aceitado, mesmo já tendo certeza sobre sua escolha. Fabiana e Alessandra, apesar de serem cristãs, viviam dizendo que eu espiritualizava as coisas demais e que faculdade era apenas mais uma escolha que tínhamos que fazer, o que eu não concordava. Era óbvio que havia a parte racional da escolha, mas eu também sabia que Deus tinha planos em nossas vidas e eu gostaria de ter paz sobre a decisão que tomaria. Viver longe da vontade do Senhor era a pior escolha que poderíamos fazer.

Mesmo que as dúvidas pairassem sobre meu coração, eu estava aprendendo que podia descansar no Senhor, pois a vontade dele é boa, perfeita e agradável[2] para aqueles que andam segundo o seu propósito.

E a minha oração era para que eu estivesse vivendo assim.



CAPÍTULO TRÊS

"Tanta coisa pode acontecer em uma década. Fico emocionada sempre ao reencontrar antigos alunos e ver o quanto eles mudaram, o quanto a vida deles mudou. Eu sei que, neste momento, suas vidas parecem estar à beira de um colapso com tantas decisões que vocês sentem que precisam tomar."

Eu realmente não havia nascido para entender qualquer assunto de Matemática. Apesar de saber que era necessário, não entrava em minha mente por que eu precisava saber sobre o cosseno do triângulo. Qual a diferença que faria na minha vida?

Joguei-me na cama, cansada.

— Não sei para que isso vai servir na minha vida. — Fabiana deu voz aos meus pensamentos.

— Depende da sua profissão. — Alessandra deu de ombros. Ela devia ser a única que gostava verdadeiramente daquela matéria.

— Eu vou cursar Letras – Português. — Fabi se levantou do chão. — E acho que só serve

para o vestibular — brincou.

— Ai, gente, eu sei que é chato, mas se lembram do que o pastor disse? — Carol perguntou e franzi a testa, sem saber aonde ela queria chegar. — Fazer tudo para a glória de Deus. Acho que estudar para as provas também se encaixa nisso, por pior que pareça. Estou tentando olhar por esse lado para tornar as provas toleráveis.

Vendo por aquele ponto de vista, talvez as coisas mudassem. Mas estudar Matemática continuava sendo horrível.

— Vamos descansar um pouco? — Alê propôs e Fabi levantou as mãos para cima, dando *glória a Deus*. Ri de sua atitude.

— Preciso contar uma coisa para vocês. — Chamei a atenção delas.

— O quê? — Fabi se sentou na cama ao meu lado enquanto eu me sentava também.

— Leonardo veio me perguntar se eu ia com alguém para o baile. — Desembuchei de uma vez. Aquilo realmente estava me incomodando.

— QUÊ? — Carolina se levantou em um pulo.

— Ele disse que o Iago havia convidado a Paloma e aí veio perguntar se eu ia com alguém. — Dei de ombros. — Eu nem sabia que precisava de par para ir ao baile.

— Eu também não sabia — Alessandra falou.

— Gente? — Fabi estalou os dedos. — Eu ainda estou por fora das coisas. Não fui hoje, lembram?

— Ahh! — Após nos desculparmos, inteiramos Fabiana sobre o baile e o comunicado no anúncio.

— Só que lá não havia nada sobre ter um par — Alê explicou.

— Então, meninas — Carol andou pelo quarto. — Bruno me convidou — confessou, deixando-nos confusas.

— Bruno? — Alê fez careta ao dizer o nome do garoto.

— E você nos conta calma desse jeito? — Fabi aumentou a voz, ainda em choque, assim como eu.

— Ele me mandou um SMS perguntando se eu queria ir com ele, respondi que não — contou como se não fosse importante.

— E por quê? Ele é bonito! — Fabi perguntou indignada e nós a encaramos.

— Primeiro — Carol se sentou no chão, arrumando a postura como se fosse falar algo muito sério. —, se ele não tem coragem de vir falar comigo pessoalmente, já não é o par perfeito. E, segundo, ele não é cristão.

— Mas é só um baile — Fabi murmurou.

— Eu sei, mas não quero que dê a entender que estou de acordo com outras coisas. Melhor sozinha que mal acompanhada, já diz o ditado, né? — brincou. — E eu sei que ele quer mais do que uma companhia para o baile, e o que ele quer eu não estou disposta. Não vale a pena entregar meus beijos por um momento passageiro.

Pensei por um instante se concordava com Carol e cheguei rapidamente à conclusão de que sim.

— Não acha que seja uma atitude radical? — Fabi perguntou. — Você nunca beijou, seria uma experiência.

— Amar a Cristo é radical. E não acho que não beijar seja radical. Quero guardar meus beijos para meu marido. Depois que estivermos debaixo da aliança do casamento, aí, sim, poderei aproveitar. E não ligo para quem ache radical, eu escolho isso por amor ao Senhor, por acreditar que é assim que Ele quer que eu aja.

— Então não vou ser abençoada por já ter beijado? — A expressão de Fabi era difícil de ler e comecei a ter medo de acontecer uma briga entre as meninas, por isso decidi intervir.

— Não acho que Carol quis dizer isso. Não beijar não é uma troca entre a gente e Deus. Não quer dizer que quem beije seu namorado não possa ter um casamento abençoado, na verdade, é uma forma de resguardar a pureza. Você pode ser convertida, minha amiga, mas seus hormônios não são. E acender um pavio que você não pode apagar é perigoso.

— E o que seria o par perfeito? — Alessandra perguntou, lembrando que Carol disse que Bruno não era o dela.

— Ah, foi modo de dizer. — Minha amiga deu um sorriso sem graça. — Mas acho que o primeiro item da lista é ser cristão, o mais importante, na verdade.

— Eu concordo, afinal, não adianta ser tudo, menos cristão — expus meu pensamento a respeito.

Talvez fosse muito radical pensar assim, mas eu sabia que, se o rapaz amasse a Deus acima de tudo, eu poderia ficar tranquila a respeito do resto. Temer e amar o Senhor sempre seria

o item mais importante da lista.

Alessandra pegou uma folha e caneta e a encarei sem entender.

— O que foi? — ela questionou.

— Para que o papel?

— Vamos escrever. O que é preciso para ser o par perfeito? Eu começo! — Alê decidiu.

Lista do par perfeito:

1: Ser Cristão

— O que mais?

— Ser bonito? — Fabi arriscou e rimos.

— Acho que beleza é algo pessoal, talvez não seja bonito para todos, mas para você, sim — falei. — Não que beleza seja relativa, mas nesse caso para cada uma pode ser diferente.

— Acho que deve ser incluído, mesmo que seja algo pessoal, afinal atração importa em um relacionamento — Fabi disse e pegou o papel das mãos de Alessandra.

2. Ser bonito.

3. Inteligente.

4. Gentil.

Pelo resto da tarde, enumeramos o que um par perfeito deve ter ou ser. Entre risadas e listas criadas, fomos pensando com quem iríamos ao baile ou se seríamos as únicas sem par.

Era uma brincadeira, a lista criada. É claro que havia fatos importantes a serem notados quando um rapaz nos chamava a atenção, mas eu sabia que naquele momento não era a hora de me apaixonar ou entregar meu coração a alguém. Havia um tempo determinado para cada coisa e só Deus saberia o momento certo de o amor entrar em minha vida.

Eu orava a Deus para que Ele mantivesse meu coração guardado nEle, a fim de que as paixões da juventude não me cegassem e a carência me dominasse. Muitas garotas tinham medo de ficarem sozinhas e por isso aceitavam qualquer rapaz, sem prestar atenção nos detalhes importantes.

Eu pedia a Deus para que Ele sempre fosse suficiente para mim, para que eu não caísse por medo. Poderiam soar radicais essas orações aos ouvidos de qualquer pessoa, mas eu sabia que entregar meu coração a Deus seria a melhor escolha da minha vida.

No final, Carol estava metade certa: melhor sozinha que mal acompanhada. Contudo

quem estava com Deus jamais estaria sozinha.

A noite havia chegado e as meninas voltaram para suas casas, já que teríamos culto de jovens e todas iríamos. Olhei-me no espelho, conferindo se a roupa estava legal, mesmo confiando no bom gosto de Carolina, já que ela escolhera meu *look*.

O macacão jeans com a blusa lilás por baixo combinou com o All Star em meus pés. Meu cabelo estava solto e dei graças a Deus por estar bonito, já que cabelo ondulado tem humor próprio. Um dia, liso demais, no outro, até parece cacheado.

Passei o *gloss* de morango ouvindo minha mãe gritar que eu estava atrasada. Olhei o celular e encontrei uma ligação perdida de Carol, provavelmente avisando que estavam chegando para me buscar.

A buzina alta me lembrou que eu deveria me apressar. O pai de Carol era o responsável por nos levar e buscar naquela noite. Peguei minha Bíblia e bolsa e saí correndo do quarto.

Dei um beijo em meu pai, que estava jantando com Mabi.

— Nem quis jantar, querida — papai reclamou preocupado.

— Deve ter lanche após o culto. — Joguei um beijo para Mabi e sinalizei que a amava.

— Bom culto, princesa — papai desejou.

Apressei-me ao ouvir a buzina de novo. Encontrei a mamãe no portão com ele aberto e mandei-lhe um beijo.

— Boa noite, tio — cumprimentei tio Otto. Não que ele fosse meu tio, mas era costume de minha cidade chamar os pais dos amigos de tio e tia. Como eu era amiga da Carol desde criança, já estávamos acostumados com aquele tratamento.

— Boa noite, Maria! — Ele devia ser um dos únicos que me chamava apenas de Maria.

Assobiei para Carol ao ver seu *look*. O vestido era rosa com alguns detalhes dourados, o cabelo loiro estava semipreso com algumas mechas soltas e, nos pés, uma bota caramelo que complementava o visual. Uma verdadeira patricinha.

— Hoje você se superou, Carolinda — elogiei, fazendo trocadilho com seu nome.

— Obrigada, Malu — respondeu sem jeito. — Você está linda também! Créditos meus, claro — disse e eu revirei os olhos.

— Já sou linda sozinha, querida — brinquei, jogando beijinhos e fazendo-a gargalhar.

Tio Otto deu partida em direção à casa de Alessandra e Fabiana. Graças a Deus

morávamos perto umas das outras.

O culto seria em uma igreja diferente, já que nosso grupo de jovens havia sido convidado, e estávamos animados para conhecer os jovens da outra igreja.

Fabiana quase roía as unhas de nervosismo por fazer parte do grupo de louvor que cantaria no culto.

— Eu ainda disse para o Danilo colocar outra pessoa, mas ele não quis. — Coçou a cabeça em pura ansiedade.

— Respira, Fabi — Carol tentou ajudá-la, mas recebeu um olhar irritado.

Ri sozinha. Eu também estaria arrancando os cabelos se fosse cantar para gente nova.

— Mantenha seu foco no Senhor, Fabi. Esqueça as pessoas, concentre-se, lembrando que você toca e canta para o Senhor antes de tudo. Ele é sua primeira audiência — Alessandra aconselhou e concordamos com ela.

Oramos no carro junto do tio Otto para que tudo desse certo e Fabiana pudesse desfrutar da paz que vinha de Jesus.

A igreja que estávamos visitando era da mesma denominação que a nossa, só que em um bairro diferente e consideravelmente maior.

Entramos um pouco acuadas, mas logo localizamos os jovens da nossa igreja e fomos até eles.

— Oi, meninas! Que bom que chegaram — Michele nos cumprimentou com um abraço. Ela nos orientou onde sentar enquanto Fabi nos deixou para afinar o violão e se preparar com o grupo de louvor.

As pessoas ainda estavam chegando e fiquei surpresa em ter sido pontual pelo menos uma vez.

— Foi por causa de nós. — Recebi um tapa leve de Carol na cabeça.

— Ai — reclamei, mesmo sem sentir dor.

— Nem doeu.

— Mas eu consegui, viu? Posso chegar no horário. — Balancei os ombros.

— Se você tiver que ir com a gente, consegue, sim — Alessandra brincou enquanto passava a mão pela roupa, desamassando o conjunto azul-marinho que usava.

— Já vai começar o culto! — Apontei para o pessoal no púlpito preparando-se para o

louvor.

Meu celular apitou e o peguei para verificar quem poderia ser a essa hora. Quando ouvi a voz no microfone, contudo, quase deixei o aparelho cair.

— Eu acho que estou imaginando coisas — murmurei ao ver quem estava no púlpito.



CAPÍTULO QUATRO

"Espero que, de alguma maneira, escrever essas cartas mostre a vocês que a vida é breve demais e que dez anos passam mais rápido do que vocês pensam. Gosto de imaginar vocês abrindo as cartas e se deparando com suas dúvidas e ansiedades. Quero pensar que irão rir e se lembrar do quanto parecia que o mundo ia acabar."

— Quê? — Alê me cutucou sem entender meu murmúrio.

— É o Leonardo? — Precisei confirmar antes que eu pensasse que enlouqueci.

— É! — Virou o rosto e voltou a falar com Carol.

Leonardo cumprimentou a todos e orou para iniciar o culto. Meu choque persistiu por alguns segundos até que eu fechei os olhos e acompanhei a prece.

Quando a oração encerrou, Leonardo chamou o grupo de música e observei que ele estava totalmente tranquilo. Ele sorriu quando os músicos subiram e cumprimentou Danilo com um abraço, como se fossem velhos amigos. Então lembrei que Leonardo era da minha igreja.

— Fecha a boca, senão vai entrar mosca — Alê riu do meu choque.

— É que… — Tentei explicar. — Leonardo. — Balancei os braços, como se não fizesse sentido.

— Ai, Malu! — Ela passou o braço por meu ombro. — Você implica tanto com o coitado que não percebe o exemplo que ele é na escola. Não é novidade para ninguém ele ser envolvido na igreja — disse como se fosse normal para ela.

— Ele que implica comigo — retruquei indignada.

— Bom, vocês implicam um com o outro e eu nunca entendi muito bem por quê. Sempre achei engraçado, na verdade, e que não passava de uma brincadeira entre vocês.

Paramos de conversar quando o grupo começou a tocar e observei nossa amiga com seu violão. Fabiana sorriu e soube que o nervosismo já tinha ido embora só pela sua expressão relaxada.

Decidi deixar de lado a surpresa com a presença do meu colega e foquei no culto. O louvor falava sobre confiar em Deus e senti todas as minhas dúvidas remoendo-se dentro de mim. Questionei-me se conseguia realmente confiar em Deus ou se era da boca para fora que eu dizia isso.

Quando os louvores encerraram, Leonardo voltou a falar. Sua desenvoltura me assustava e conseguia até dizer que ele estava acostumado. Mas, por incrível que pareça, era a cara dele. Meu ex-melhor amigo sempre foi ativo na igreja, desde nossa infância, e gostava de falar nos cultos direcionados às crianças e adolescentes. Quando ele mudou da minha igreja, já tínhamos quinze anos; foi quando nossa amizade se perdeu.

Ele sempre havia sido extrovertido e conquistava a todos no ambiente. Mas, ali, não era o Leonardo brincalhão. Apesar da expressão alegre, ele mantinha a seriedade própria de um culto.

Logo o pastor subiu ao púlpito para a palavra e orei a Deus que não deixasse que minha mente e meu coração se distraíssem.

O pastor iniciou pedindo que todos fechassem os olhos e fez uma breve oração: *Senhor, nos ensine a confiar em ti. Que nossos corações aprendam a descansar na tua soberania. Senhor, eu peço novamente que nos ensine a confiar em ti.*

— Graça e paz, irmãos. Abram suas Bíblias em Filipenses 4:6 e 7.

“Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento,

guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus.”

— Quando eu fui convidado para pregar para vocês, eu orei ao Senhor pedindo que me desse uma palavra para o sermão. O que pregar aos jovens? O que falar para eles? O que o Senhor quer dizer a eles? Então fui lembrado pelo Senhor desses versículos escritos pelo apóstolo Paulo quando estava preso.

“Em todas as fases de nossas vidas, somos assombrados com a ansiedade pelo que há de vir. O que faremos amanhã? Quais escolhas tomaremos? Qual será nosso futuro? Há milhares de perguntas nesse cenário, mas eu não quero falar especificamente sobre ansiedade, eu quero falar sobre confiar em Deus. Poderia ter escolhido outros versículos que tratam sobre confiança, mas quero aplicar esses que li.

“Há três pontos que quero abordar. Primeiro ponto: quando falamos sobre confiança em Deus, falamos sobre fé. A fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos[3]. Confiar em Deus é ter fé que Ele pode fazer aquilo que não podemos. Confiar em Deus é aceitarmos tanto o seu ‘sim’, como o seu ‘não’, pois temos a plena certeza de que Deus conhece o futuro e sabe de todas as coisas. E como é difícil aceitar o não de Deus. Você está pronto para confiar em Deus quando ele te disser não? Ou você só confia em Deus quando as respostas dele são positivas?”

Toda a igreja se mantinha em silêncio, atenta.

— Ou você tem a plena certeza de que pode confiar em Deus quando ouvir o “não”, ou você não pode confiar mesmo quando escutar o “sim”.

“Segundo ponto: confiar em Deus é agradecer. Quando você ora ao Senhor, você agradece primeiramente? Ou você vai direto aos pedidos, como se Ele fosse um gênio da lâmpada que vai fazer tudo do jeito que você quiser? Confiar em Deus é agradecer a Ele muito antes de o seu pedido ser atendido ou não. A confiança no Senhor não pode ser moldada pelas bênçãos recebidas. Muito pelo contrário, antes mesmo de o Senhor nos responder, em nossas orações e súplicas, devemos agradecer, apresentar ações de graça, pois o Senhor já fez mais do que merecemos. O Senhor já lhe deu tudo na cruz.

“Terceiro ponto: confiar em Deus é descansar na paz dEle. Quando você carrega um peso e alguém se oferece para carregá-lo por você, você o entrega, não é? Você o pega de volta logo? Então por que, quando entregamos a Deus nossas ansiedades e preocupações, ficamos batendo

na tecla e querendo ter o controle de volta? Não entenda mal o que estou dizendo, não é para você orar, e esquecer os problemas, e viver como se não houvesse amanhã. Estou falando que nós nos preocupamos em excesso quando o Senhor diz para entregarmos a Ele nossas ansiedades e repousarmos em Sua paz que excede todo o entendimento. Nós precisamos aprender a confiar no Senhor. Aprender o que é descansar nEle."

O pastor estendeu mais a mensagem, falando sobre confiança e descanso em Deus. Sem dúvida, aquela pregação havia deixado todos impactados. Eu estava em certo choque, pois toda a palavra vinha direto ao que eu sentia nos últimos dias. A ansiedade e a preocupação com o futuro. O medo de não conseguir suprir as expectativas de todos a respeito do que esperavam de mim.

Meu coração, antes aflito, começou a sentir a paz inundando-o e, se havia uma lição que eu estava aprendendo naquela noite, era que eu precisava aprender a descansar no Senhor. Precisava aprender que Ele era soberano sobre minha vida e que Ele se importava com meu futuro antes mesmo de mim. Afinal, Ele já estava lá.



CAPÍTULO CINCO

“Desejo, do fundo do meu coração, que cada carta carregue consigo não apenas a certeza de que tudo passa, mas de que podemos sempre superar seja qual for a dificuldade que estejamos vivendo.”

O pastor encerrou a pregação com uma pergunta para todos: o que precisávamos entregar a Deus?

Eu precisava entregar meu futuro. Entregar e confiar que Deus era o escritor de todos os meus dias, antes mesmo de eu nascer. Confiar, quando tudo que eu queria era ter o controle em minhas mãos, com certeza seria um desafio e tanto para o resto da minha vida.

O grupo de louvor cantou um hino antes de encerrar o culto que deixou palavras ecoando dentro de mim.

“Olho para os pássaros do céu

Que vivem a voar

São tranquilos porque sabem

que é o Deus do céu

Quem os sustentará”[4]

Eu também sabia quem era Deus e desejava ser mais tranquila como os pássaros do céu, que vivem na pura dependência de Deus. Mas os meus pecados de incredulidade e de desejar ter o controle eram minha luta diária.

Após o encerramento, minha mente ainda se encontrava acelerada, pensando nas lições que aprendera naquela noite.

Consegui me distrair depois que nos juntamos ao resto do grupo da igreja, que explicava que haveria um lanche servido pelos irmãos que nos recebiam. Peguei uma ficha das mãos de Michele e caminhei para a fila com minhas amigas.

— Espero que a gente consiga achar uma mesa — Fabi disse após me empurrar para andar na fila.

— Deve ter em algum lugar. — Levantei o rosto à procura dos lugares vagos. — Boa noite. — Sorri para a jovem entregando o pratinho de arroz e strogonoff com copo de guaraná Jesus, refrigerante típico do Maranhão. — Obrigada!

Esperei as meninas pegarem os seus e saímos tentando descobrir onde poderíamos nos sentar.

— Maria Luana! — Leonardo arregalou os olhos ao me ver. A mesma reação de surpresa que eu tivera mais cedo.

— Oi. — Sorri sem graça.

— Venham comigo. Tem uma mesa ali disponível. — Apontou.

Olhei para as meninas, que sorriam para ele. *Traição por uma mesa*. Acompanhei o grupo e, quando chegamos ao local em questão, Leonardo se sentou conosco, para minha surpresa.

— E aí, gostaram do culto? — perguntou, encarando-me.

Provei a comida, que estava uma delícia, enquanto as meninas respondiam.

— Foi ótimo — Carol respondeu.

— Eu estava nervosa em tocar, mas Deus é muito bom e deu tudo certo! — Fabi deu um

gole em seu refrigerante.

— Eu achei muito bom — Alê disse.

— E você, Maria Luana? — indagou novamente.

Tomei um gole do guaraná e resolvi ser mais simpática, pelo menos naquela noite. Era um cessar-fogo. Apenas uma trégua em nossa antipatia.

— Foi uma bênção. Muitas respostas de oração — contei e ele sorriu animado. Eu sinceramente não entendia Leonardo.

— Caramba. Para mim também! — Passou as mãos pelos cabelos. *Por que eu estava tão focada nos cabelos dele?* — Eu estava até comentando com um pessoal o quanto Deus me respondeu essa noite. Fico feliz que você também teve essa experiência. A Palavra do Senhor sempre se renova e consegue nos responder, ela basta sempre.

— Pois é. Acho que Deus estava me mandando confiar mais nEle.

— Parece que eu também preciso disso. São muitas incertezas nesse fim de Ensino Médio e tudo parece que vai dar errado, mas preciso aprender mais sobre a soberania de Deus.

— Sinto o mesmo — concordei. Quem diria? Eu concordando e tendo uma conversa amigável com Leonardo? Mas admitia sentir falta dele como amigo. Nunca compreenderia por que ele se afastara tanto e depois se tornara implicante comigo. Começara com uma discussão em sala de aula, em outro dia o ouvi reclamando de mim e, então, de uma hora para outra, não fazia mais sentido continuar sendo amiga dele.

— O que foi? — perguntou e me dei conta de que o estava encarando enquanto comia. — Tem algo de errado com meu rosto? — Tocou na bochecha.

— Nada. — Suspirei. — Só estava viajando. — Dei de ombros sem querer prolongar o assunto. Não sabia se esse Leonardo era o amigo que eu tinha antes, mas precisava admitir que se parecia.

— Se quiser conversar, estou aqui. Às vezes a gente precisa desabafar com alguém diferente, sabe? — Encarei-o sem assimilar onde aquela conversa estava chegando. Apontei para minhas amigas como quem dizia que já as tinha para desabafar.

Ele ignorou minha atitude e pegou meu copo, dando um gole.

— Ah, não, Leonardo. Estava demorando, né? — Peguei o copo da mão dele.

— Hum! — Saboreou. — Eu amo Guaraná Jesus.

— Podia ter pegado um para você. — Revirei os olhos.

— Ei, Leo — um garoto gritou por ele.

— Bom, o dever me chama — Levantou-se. — Tchau, meninas. A presença de vocês foi ótima — Sorriu. — Foi bom te ver, Maria Luana! — Despediu-se de mim e saiu andando com as mãos no bolso.

Observei-o por alguns segundos, notando seu empenho em ajudar os outros rapazes a mudarem as mesas de lugar. Ele ria e balançava a cabeça em concordância com alguma coisa que o menino havia dito.

Voltei minha atenção para minha comida e olhei minhas amigas, que me encaravam com aquele tom questionador, e eu já sabia de longe que elas estavam criando minhocas na cabeça.

— Nem vem! — Antecipei.

— O quê? — Fabi levantou as mãos em sinal de rendição. Apertei os olhos com desconfiança.

— Nunca vi vocês conversarem por mais de cinco minutos em tom amigável — Carol limpou a boca com um guardanapo.

— Foi uma cena digna de cinema — Alê bateu palmas, chamando a atenção e fazendo as meninas rirem.

Decidi ignorar as provocações e, após terminarmos de comer, Carol ligou para o tio Otto avisando que estávamos livres.

Enquanto esperávamos na frente da igreja, as meninas continuavam com as piadas.

— É sério, eu me senti uma vela entre eles — Alê brincou, fazendo-me levar a mão à boca como se fosse vomitar.

— Ai, ai. — Fabi se abanou. — Acho que ele vai te convidar para o baile. — Sua fala me travou por meio segundo.

— Com certeza, não — neguei com veemência. Leonardo e eu? Isso era realmente algo que eu nunca poderia imaginar. Talvez se fôssemos amigos, mas aquela conversa havia sido apenas uma trégua. Nada de mais. Apenas isso.



Cheguei em casa e deitei-me na minha cama, aliviada por esticar o corpo. Sextas-feiras eram sempre cansativas, porque parecia que todo o cansaço da semana fazia um download em seu corpo. Conversei um pouco com meus pais antes de vir me deitar e contei como havia sido o culto. Agora me remexia na cama, pensando que, antes, estava com sono, e agora parecia que ele havia sumido.

Levantei-me da cama e liguei a luz para pegar um livro para ler, mas acabei desistindo quando escutei baterem em minha porta.

— Oi, papai. — Abri a porta para ele.

— Sua mãe está perguntando se não quer jantar antes de dormir?

Balancei a cabeça em negativa.

— Não, comi bem na igreja — bocejei.

— Então, está bem. — Olhou para mim e senti que ele queria dizer alguma coisa.

— Pode falar, papai.

— Sua mãe contou que está preocupada com a faculdade. — Entrou novamente, sentando-se em minha cama.

— Preocupações normais. — Encostei-me nele. — O senhor teve dúvidas?

— Nossa! E como, viu, querida! — Riu. Levei sua mão ao meu cabelo, pedindo cafuné, ao que ele atendeu prontamente. — Mas não precisa se preocupar com essa escolha, princesa. Ore ao Senhor sobre seus sonhos, sei que Ele vai fazer o melhor.

— Tenho medo — assumi.

— De quê?

— Decepcionar vocês.

— Querida, nós amamos você. Qualquer curso que você escolher, estará bom para nós.

— Até se eu quiser fazer Teatro?

— Bom, Teatro não tem aqui na cidade. Mas, se for o que você quiser, iremos apoiar. O mais importante é que você não se afaste dos caminhos do Senhor, que você continue amando a Deus acima de todas as coisas. Só não digo para seguir seu coração, porque ele é enganoso e pecador.

— Eu sei, papai! Obrigada.

— Boa noite, minha princesa. — Papai beijou minha testa e saiu após desligar a luz e

fechar a porta.

Joguei-me na cama pensando no quanto era grata por ter pais que apoiavam minhas decisões. Quem dera todo mundo pudesse desfrutar desse privilégio. Fabi, por exemplo, não recebia nenhum apoio da mãe ao desejar cursar Letras. Orei por minha amiga, para que sua mãe compreendesse seu desejo e a apoiasse.

— Senhor, eu não sei quais são os Seus planos para minha vida. Mas a Tua Palavra, que é verdadeira, diz que Tua vontade é boa, perfeita e agradável. Eu escolho confiar em Ti. Mesmo cheia de dúvidas e indecisões. Darei o meu melhor nos vestibulares e irei me esforçar para obter boas notas, não para agradar alguém ou satisfazer minha própria vontade, mas para que eu esteja pronta para ir aonde o Senhor mandar. Seja em um curso reconhecido, seja em um curso não reconhecido. Que tudo que eu faça seja para Sua glória. Em teu nome Jesus, amém.

Confiar em Deus era uma tarefa diária e eu reconhecia que sozinha não conseguiria. Contudo escolhia descansar no Senhor e entregar cada um dos meus sonhos e anseios a Ele. Que o Senhor me levasse aonde Ele desejasse. Meu único desejo era jamais sair da vontade dEle.

E, assim como a Palavra do Senhor diz, senti a paz que Ele prometeu inundar meu coração.



CAPÍTULO SEIS

"São tantos anos contando história que me sinto meio perdida ao escrever para vocês. Não sei como esta carta chegará em suas mãos, se por mim mesma ou se por outra pessoa, contudo gostaria de deixar alguns conselhos para vocês."

O fim de semana passou rápido demais. Quando eu vi, já era domingo à noite, meus pais assistiam ao Fantástico e eu estava indo dormir, porque teria que acordar cedo para a aula no dia seguinte. A única coisa boa era reencontrar as meninas, que não vira domingo na igreja, pois não foram ao culto.

No dia seguinte, tomei meu Nescau, ainda sentindo o sono em meu corpo. Afinal, quem está pronto para a vida às seis da manhã de uma segunda-feira? Eu nunca estaria.

— *Vamos nos atrasar, Maria Bianca*. — Vi minha mãe sinalizar para minha irmã.

— Bom dia, Malu — papai me desejou ao entrar na cozinha.

— Bom… dia… papai — respondi enquanto terminava de comer meu cuscuz de milho.

Levei a vasilha para a pia e corri para o quarto, buscando minha mochila antes que meu pai ligasse o carro. Hoje seria ele que nos levaria para escola. Assim que me sentei no banco, Mabi corria para o carro com mamãe em seu encalço.

Minha mãe fazia grande parte do seu trabalho em casa mesmo, mas de vez em quando precisava ir até a empresa em que trabalhava. Apesar de ser jornalista, não atuava em um jornal, e, sim, em uma empresa de publicidade como redatora de campanhas publicitárias, o que ela amava. Era em uma cidade vizinha e às vezes precisava ir até lá para alguma reunião importante.

— A avó de vocês vai buscá-las hoje! — Mamãe se virou para nós no banco de trás. — Não vou conseguir sair para o almoço, muitas reuniões — explicou e voltou a passar o batom, olhando no espelho.

Quando aconteciam essas reuniões, duas ou três vezes por mês, ficávamos na casa de Vó Íris, mãe do papai. Amava ir para lá.

Graças a Deus o trânsito colaborou. Deixamos primeiro Mabi em seu colégio e logo chegamos ao meu.

— Tchau — Despedi-me, mas, antes de sair, papai estendeu uma nota de vinte, dizendo que era para lanchar durante a semana.

— Bom dia, seu Ricardo — cumprimentei o porteiro.

— Bom dia, Maluzinha. Acordou de bom humor hoje? — brincou, por causa do meu sorriso.

— Milagres acontecem. — Pisquei.

Entrei na escola e fui direto para minha sala. O horário no celular indicava que faltava ainda algum tempo para o sinal bater e a aula começar.

Dei de cara com Carol saindo da sala enquanto eu entrava.

— Uau! — A loira exclamou ao me ver. — Chegando... — Olhou em seu relógio de pulso. — Dez minutos adiantada?

— Rá, rá, rá, muito engraçada. — Fiz uma careta. — Sou uma nova mulher. — Balancei meu cabelo. — Cadê as meninas?

— Ainda não chegaram.

Ficamos conversando até que o sinal bateu e, antes que o professor entrasse, Alessandra e Fabiana chegaram juntas à sala.

— Aula de quê? — Carol perguntou pra mim.

— Educação Física — respondi e ela revirou os olhos.

— Ótimo jeito de começar a semana — reclamou e eu sorri.

Também não gostava tanto da aula, porque quase sempre íamos para quadra e eu era um desastre em qualquer atividade física. Nem correr eu sabia direito e, se minha vida dependesse disso, eu estava muito ferrada,

Sentei-me na cadeira enquanto aguardava o professor avisar se a aula seria na sala ou se teríamos aula prática. Estava distraída pensando como faria para fugir de qualquer jogo.

— Maria Luana — ouvi o professor Luan chamar.

— Presente!

As risadas de todos me fizeram erguer a cabeça assustada, sem entender o motivo. Carol se virou para mim segurando a risada.

— O que foi?

— Não é chamada — ela cochichou.

— Estão te chamando na diretoria, Malu. Mas foi bom saber que você está presente — o professor brincou e sorri sem graça. Devia estar muito distraída. — Leonardo, você também. — Apontou para o rapaz, que estava sentado longe de mim hoje.

— Eu? — questionou com as sobrancelhas erguidas e o professor confirmou.

Só me faltava essa, o que foi que aconteceu?

Saímos da sala juntos e logo perguntei.

— O que foi que tu aprontou? — Franzi a testa.

— Eu que devia te perguntar, foi chamada primeiro — resmungou, fazendo-me revirar os olhos. — Não faço a mínima ideia, Maria Luana — falou e senti que era verdade.

Seu rosto estava apreensivo e ele passava as mãos pela calça, enxugando-as como se estivesse apreensivo. Comecei a ficar nervosa só por ele estar. Revirei minha mente na tentativa descobrir qual seria o motivo de ser convocada para a diretoria e não encontrei nenhum.

— Pelo menos você está fugindo da Educação Física — comentou e o encarei. — Você não gosta das aulas. — Deu de ombros.

— E você ama — respondi. — Como alguém pode gostar de jogar bola sete horas da manhã? — indaguei de forma retórica e ele sorriu.

— É bom.

— Você fica suado e nojento pelo resto das aulas. — Fiz uma careta de nojo.

— É. — Coçou a cabeça. — Isso é um bom ponto.

— Aprenda, Castro, estou sempre correta. — Dei um tapa de leve em seu braço.

Chegamos à sala da diretora após subir as escadas e Leonardo bateu na porta, recebendo um “entre” de resposta.

— Posso entrar também? — perguntei.

— Claro, querida. É uma conversa com os dois mesmo que eu quero — a diretora Ana disse com um sorriso. Senti meu corpo relaxar um pouco, pois se ela estava sorrindo não era bronca, a não ser que ela fosse uma ótima atriz e conseguisse brigar sorrindo.

— Vocês já estão sabendo do baile de formatura? — Balançamos a cabeça em afirmativo. — Apesar de não ser comum em nossa cidade, decidimos fazer, porque vocês pediram muito. Antes do baile, teremos uma cerimônia de colação de grau, em que as famílias de vocês estarão presentes e, depois de muito conversar com todos os professores de vocês, gostaríamos de convidá-los para serem os oradores da turma.

O choque pelo convite com certeza era nítido em meu rosto. Não esperava ser chamada e nem sabia que haveria uma cerimônia que precisaria de orador.

— Vocês se destacaram nos últimos três anos como excelentes alunos — continuou a falar. — Não podemos decidir entre os dois, então, por que não os juntar no discurso? — Ela sorriu empolgada. — Leonardo sempre foi ótimo com apresentações em público e você, Malu, é excelente na redação do jornal. Serão brilhantes juntos! — Bateu palmas animada. — O que acham? Aceitam?

Leonardo e eu nos entreolhamos ainda em choque com o convite. A cara dele de surpresa era a mesma da minha. Só que a ideia de passarmos tempo juntos quando nem conseguíamos conviver direito na sala me deixou pensativa se daríamos conta de fazer um bom trabalho.

— Claro, diretora — ele aceitou. — Será uma honra. Nossa, eu nem sei o que falar! — O sorriso tímido que eu conhecia despontou em seu rosto. Ele apertava as mãos discretamente e eu sabia que estava nervoso e até envergonhado. Leonardo tinha muitas facetas e nem todos sabiam que o garoto conhecido pelas brincadeiras também tinha um pouco de timidez, lá no fundo.

— E você, Malu? — Ana Paula olhou para mim com expectativa.

— Estou sem palavras, claro que aceito. — Balancei a cabeça em concordância. — Será uma honra para mim também — disse sem jeito. Não seabia como seria, mas esperava que juntos conseguíssemos fazer um bom trabalho, esse era meu pensamento.

— Excelente! — Ela comemorou, levantando-se em seguida. — Ainda temos um mês até a formatura. Sei que estão em período de provas, vestibular, pois o ano escolar está terminando, mas sei que conseguirão fazer um discurso ótimo.

Acenamos que sim e logo nos despedimos, saindo da sala.

Em silêncio, fizemos o percurso de volta para nossa sala de aula, mas, antes que eu entrasse, Leonardo segurou meu braço.

— O que foi?

— Podemos conversar sobre quando faremos o discurso? — pediu.

— Depois da aula? — Dei a sugestão.

— É que… — Olhou para os lados. — Eu fico ocupado após a aula.

Revirei os olhos.

— E quando você pode, senhor ocupado?

— Podemos nos encontrar na livraria Almeida? Aquela do centro — explicou e lembrei onde ficava. Era um lugar que eu costumava frequentar. — Espero que a gente consiga conviver bem durante esses dias. Não somos mais crianças para ficar com implicância — ele disse e fiz uma careta.

— Leonardo, você é implicante por natureza. — Balancei os ombros. — Mas eu concordo. — Baixei a guarda. Estava cansada de brigar por motivo nenhum. Virei-me para entrar na sala após notar o fim da conversa. — Com licença, professor — pedi.

— Já estamos indo para a quadra — respondeu e vi que metade da sala já havia saído.

Entrei na sala procurando alguma das meninas e não encontrei nenhuma. Com certeza já estariam na quadra.

Alessandra podia viver com a cara nos livros, mas também amava praticar esporte e sempre era a primeira a se candidatar como líder de algum grupo nos jogos. No fim, todas participavámos por causa dela.

Cheguei à quadra junto do professor e do Leonardo. A atividade do dia era jogar vôlei, que era o esporte que estávamos estudando os fundamentos. Eu desconfiava de que era mais para

passar do tempo do que qualquer outra coisa.

Sentei-me na arquibancada com a desculpa de que estava de sapatilha e não tênis. O professor passou as orientações e dividiu equipes mistas que se revezariam durante o tempo da aula.

— E, então, o que a diretora queria? — Fabiana expôs a curiosidade delas enquanto prendia o cabelo trançado com mechas vermelhas. Toda vez que ela trançava, escolhia uma cor diferente em algumas mechas.

Contei a elas o motivo e elas ficaram animadas.

— Aí ele pediu uma trégua. — Prendi o cabelo em um coque.

— Eu já disse uma vez e vou repetir — Alê falou e a encaramos. — Eu sempre achei que ele era apaixonado por você! — Fiz uma careta ao ouvir sua suposição.

— Ótimo jeito de chamar a atenção de uma garota, implicando com ela — falei.

— Um ótimo *haters to lovers*[5]. — Carolina riu.

Achamos graça também. Mas no fundo eu queria acreditar que Leonardo não me odiava. Quer dizer, ele não precisava me amar, mas fomos amigos quando crianças e eu queria muito entender o que acontecera para ele passar a implicar comigo — e com certeza o motivo não era uma paixão por mim. Não podia ser. Meu coração se apertou com a ideia e balancei a cabeça, decidida a não deixar esses pássaros fazerem ninho na minha mente e nos meus sentimentos.

Eu havia aprendido, quando mais nova, que não posso me guiar pelo meu coração e, mesmo que desejasse ser alvo da afeição de alguém, eu sabia que não era o momento certo. Ainda era nova demais e todo relacionamento deveria ter um único alvo: casamento.

— Então vocês vão se encontrar amanhã? — Carol perguntou.

— Uhum. — Concordei com a cabeça.

— Em uma livraria? — Encarei-a sem entender aonde ela queria chegar. — Não estou dizendo nada, só pensei.

— Meninas, eu espero que não me entendam mal. — Respirei fundo antes de continuar. — Não me ajudem a plantar ideias na cabeça. Vamos levar a sério quando a Bíblia diz para não despertamos o amor antes do tempo. Não que eu ame, esteja apaixonada ou algo do tipo, mas sentimentos são traiçoeiros, nosso coração é enganoso e basta a gente dar espaço para que sentimentos surjam. Não é tempo, viu? — Pedi e seus olhares demonstraram que não haviam

pensado nisso.

Eu ainda tinha muitas lutas a vencer, muitos pecados em meu coração. Eu vivia em constante batalha contra minhas emoções e sentimentos, pois tinha uma facilidade muito grande em criar cenários perfeitos em minha cabeça e mergulhar neles. Não podia deixar um sentimento criar raízes quando ainda não era o tempo. Eu sabia bem o que podia acontecer quando eu não guardava meu coração.

— É. — Fabi arranhou a garganta. — Não pensei por esse lado. Ficamos tão presas nas ideias românticas que não pensamos muito no que estávamos falando.

— Não é ruim desejar amar alguém e ser amada de volta, é só que… — Fui interrompida.

— Existe um tempo determinado para cada coisa debaixo do céu — Alê me completou.

— Isso aí. — Bati em sua mão.

A conversa mudou o rumo e sei que, por mais que eu tenha falado tudo aquilo, precisava orar e vigiar meu coração. Afinal, ele era enganoso, e eu podia descuidar e acabar tendo-o partido por mim mesma, por minhas próprias expectativas erradas.



CAPÍTULO SETE

“Quanto mais o tempo passa, mais certeza eu tenho de que somos apenas pó, de que tudo na vida é breve, o tempo é passageiro e não somos o centro do mundo. Meu primeiro conselho é este: queridos, vocês não são o centro de tudo. Vivam suas vidas, seus sonhos e não se apeguem tanto à crítica destrutiva do outro. Daqui a dez, vinte anos, vocês serão memórias distantes. Façam valer a pena!”

Minha irmã só podia estar testando minha paciência com o som da televisão nas maiores alturas. Mabi amava assistir a vídeos no YouTube que possuíam legendas para surdos e simplesmente se esquecia de mutar a televisão. E sem saber deixava o volume alto demais. O relógio na parede do quarto me mostrava que eu ainda não tinha feito nem uma hora de estudo direito e minha prova seria em dois dias. Amava Biologia, mas havia horas que me perguntava: para que saber esse assunto de genética? Não fazia a mínima ideia.

Já era a terceira vez que eu ia na sala pedir que minha irmã diminuísse o volume.

“Mabi, abaixa o som” sinalizei e ela pediu desculpas, dizendo que havia apertado no controle sem querer.

Voltei para o quarto disposta a estudar mais, entretanto toda minha concentração parecia ter fugido de mim. Fechei os livros e fui até a cozinha procurar algo para comer. Peguei meu celular para verificar se havia alguma mensagem.

Desconhecido: *Está lembrada do nosso encontro hoje, né?*

Abri a foto do contato que enviara a mensagem e caramba! Leonardo. Como eu podia ter esquecido completamente se não fazia nem dois dias que havíamos marcado?

Já eram três horas e nem em sonho eu conseguiria chegar às quatro na livraria.

Eu: *Vou me atrasar um pouquinho hehe*

Respondi e salvei o contato. Graças a Deus havia colocado créditos no celular.

Leonardo: *Esqueceu, né? Te esperando.*

Resolvi nem responder, porque assim me arrumaria mais rápido.

E nem adiantava mentir, havia esquecido mesmo.

Terminei meu lanche, beiju e suco, e fui direto tomar banho para me arrumar.

Escolhi um macacão marrom e uma blusa branca para usar por baixo. Sim, eu colecionava macacões, era minha peça favorita de vestimenta e devia ser metade do meu guarda-roupa. Calcei o All Star branco e peguei minha mochila.

— Vai aonde? — ouvi mamãe perguntar.

— Lembra que falei que tinha que encontrar Leonardo hoje? — Ainda bem que eu tinha comentado no mesmo dia que marcamos.

— Achei que você nem ia.

— Eu esqueci e atrasei. — Dei um sorriso sem graça.

Meu cabelo estava preso em uma trança, já que não havia acordado de bom humor. O cabelo de uma ondulada tem vida própria e eu já havia desistido de entender como funcionava um bom *day after*.

— Fiquei feliz que voltaram a ser amigos — ela disse e revirei os olhos discretamente. — O que foi?

— Não somos amigos, mamãe — expliquei. — É só para a formatura.

— Uhum! — Balançou a cabeça. — Vai se atrasar mais. — Olhou o relógio em seu

pulso. — Vamos?

— Sim. — Peguei minha mochila.

Mamãe pediu para nossa vizinha ficar de olho em Mabi enquanto ia me deixar na livraria e saímos de casa.



A primeira coisa que notei ao entrar na livraria foi que ela havia passado por uma reforma. Já fazia alguns meses que eu não a frequentava e foi uma surpresa notar que tinha se tornado em uma cafeteria também.

O primeiro andar era somente a livraria, enquanto no segundo estava a cafeteria. Procurei Leonardo pelo ambiente e não o encontrei. Torci para que ele estivesse no segundo andar e não tivesse ido embora pelo cansaço de esperar por mim.

Subi as escadas e me surpreendi com a beleza do ambiente.

Além das mesas espalhadas, uma janela enorme trazia uma visão linda do centro da cidade. Fiquei encantada, admirando a vista por alguns segundos até me lembrar do que eu realmente deveria estar fazendo ali.

— Até que enfim chegou!

— Ai! — Levei as mãos ao peito com o susto. — Achei que já tinha ido embora — disse sem graça. — Desculpa pelo atraso.

— Meu expediente só termina às cinco, mas pedi para meu patrão me liberar mais cedo para conversarmos sobre o discurso — falou e finalmente notei o uniforme azul. A camisa polo azul com a logo de um café me pegou de surpresa.

— Você trabalha aqui? — Arregalei os olhos.

— Sim. — Sorriu animado. — Legal, não é? Vamos. — Pegou minha mão, levando-me pelo salão da loja. — Vou só comunicar minha colega e venho — falou após me deixar em uma mesa perto da janela.

Observei com mais cuidado o local, pensando em como eu não sabia que Leonardo trabalhava ali. Na verdade, eu acreditava que ninguém da escola sabia. Devia fazer muito tempo que eu não ia até a livraria para tanta coisa ter mudado ali. O sol estava quase se pondo e

imaginei como seria bonito apreciar o momento ali em cima.

Leonardo sorriu para uma mulher mais velha de cabelos curtos que balançava a cabeça em concordância ao que ele falava. Por um momento, minha mente me levou a pensar que o uniforme havia caído muito bem nele. O azul da cor do céu de uma manhã ensolarada combinava com seu tom de pele.

Ele apontou para mim e a mulher acenou. Levantei a mão, retribuindo o cumprimento. Ela o abraçou em despedida e logo ele estava andando em minha direção com aquele sorriso único.

Você não pode impedir que pássaros voem, mas pode impedir que eles criem ninho, lembrei da frase que li em algum livro. Não podia imaginar coisas que não estavam claras. "Querido coração, você é enganoso, fique quieto". Era isso que gostaria de gritar. Virei a cabeça para o lado. Eu só queria que tudo acabasse o mais rápido possível e as coisas voltassem ao normal.

Suspirei, sabendo que talvez não desse para terminar o discurso hoje e provavelmente teríamos que nos reunir em outro dia.

Estranhei a demora de Leo e procurei-o pela loja. Quando estava quase me levantando, vi o rapaz vindo com dois copos, um em cada mão.

— *Milkshake* de napolitano para a senhorita — ofereceu o copo.

— Obrigada!

— Preferir trazer *milkshakes,* que são uma delícia, e não é nem porque sou funcionário daqui, viu? — brincou. — Sei que não gosta de café.

— Sabe? — Encarei-o enquanto provava o *milkshake*.

— É. — Coçou a cabeça. — Vamos começar?

Fiz um sinal de positivo com a mão e deixei de lado o copo para pegar meu caderno dentro da mochila.

— Realmente é muito bom, acertou muito — elogiei a escolha do sabor.

— Sempre acerto, Maria Luana — Revirei os olhos.

— Só Malu, Leonardo!

— E, então, o que vamos discursar, Maria Luana? — Fez questão de repetir meu nome.

— Eu tive uma ideia. Podemos fazer o discurso com base na atividade que a Soraia

passou.

— As cartas do futuro?

— É, podemos falar sobre como esperamos que daqui a dez anos estejamos felizes com quem nos tornamos e que possamos viver o hoje da melhor forma, esses discursos motivadores comuns de formaturas.

— É, não é ruim. — Olhou para os lados.

— O que foi? — Encostei-me na cadeira já esperando a bomba.

— Nada.

— Fala logo, Leonardo. Não vou me zangar. — Dei um sorriso claramente forçado e ele riu.

— Eu sinto que faltou um toque de originalidade — desabafou.

Refleti um pouco a respeito e sabia que ele tinha razão. Não tive uma grande ideia sobre esse discurso e todos que havia visto eram só o mesmo papo motivacional.

— Eu concordo — assumi, deixando-o surpreso dessa vez.

— Sério?

— Sim. — Dei de ombros. — Não é o quero ouvir, então não faz sentido discursar. Daqui a dez anos é longe demais. Quero um discurso sobre hoje, sobre nossas dúvidas, anseios, medos, expectativas, sobre coragem — expressei minhas próprias angústias de modo natural sem nem perceber.

— Acho que estamos com o mesmo pensamento, Maria Luana. Nos últimos meses tudo que eu tenho feito é orar por coragem para que eu esteja pronto para os planos do Senhor e parece que nada vai dar certo. Eu vejo todo mundo sonhando com a universidade e não parece ser a escolha certa para mim. — Seu sorriso é triste. — Desculpa o desabafo.

— Não precisa se desculpar. Acho que é legal encontrar alguém que me entenda também. As meninas já estão quase decididas sobre seus futuros cursos e eu me sinto em um limbo, onde preciso decidir e não consigo. Eu oro a Deus e só sinto Seu silêncio. Eu escuto as pessoas falarem que você precisa confiar em Deus e eu digo: eu confio. Mas, quanto mais perto vai chegando o fim ano, mais eu me vejo em uma encruzilhada que me cobra uma decisão e não faço a mínima ideia de qual vai ser.

Nossas dores, de alguma maneira, nos uniam e, quando encontrei seu olhar, não via pena

ou deboche, apenas compreensão. Não era só um “eu entendo”, mas um olhar de acolhimento. Leonardo segurou minha mão que estava em cima da mesa e fez um carinho, deixando automaticamente minhas bochechas vermelhas.

— E o que a gente faz quando se sente tão perdido assim? — Quando eu ia responder, ele ergueu a outra mão. — Perguntei isso para meu pai. Sabe o que ele me respondeu?

— O quê?

— Mantenha os olhos fixos no alvo, que é Jesus. — Foi inevitável não sorrir. — Mesmo quando está em silêncio aos nossos ouvidos, Ele não perdeu o controle da história. Quando conhecemos o Deus em que cremos, fica mais fácil confiar e descansar.

— Eu sempre penso isso. Que a fidelidade do Senhor não está condicionada a mim, mas a quem Ele é. Se Ele diz que é imutável, então Ele é. Se diz que Sua vontade é perfeita, então é. Mesmo que eu não compreenda.

O silêncio que nos atingiu não era desconfortável, pelo contrário, nunca havia me sentido tão à vontade em permanecer calada contemplando o céu e pensando em nossas próprias palavras. Compartilhar aquilo que eu acreditava do Senhor com outra pessoa sempre me fazia pensar que o reino de Deus era realmente um reino de amigos e que era muito bom compartilhar a jornada.

— Deus continua sendo bom — ele disse.

— O tempo todo — complementei sorrindo.

Aquela tarde podia ter inicialmente sido sobre uma formatura, mas Deus havia mudado os planos e mostrado que era uma tarde sobre Ele. Sobre aprender mais acerca de confiar em Sua vontade. A conversa com Leonardo havia sido tão agradável que me lembrou da época que éramos amigos e me fez desejar que a gente nunca tivesse se afastado.

Enquanto nos olhávamos, o sol ia se pondo, marcando o fim de mais um dia.



CAPÍTULO OITO

"Como esta carta é algo pessoal, sinto que posso ser sincera ao extremo e contar a vocês que oro por cada um. Em minhas orações, eu peço a Deus que os encontre com Sua graça misericordiosa e os chame para a salvação. Há tanto que eu gostaria de compartilhar sobre Aquele que me salvou de mim mesma. Eu tento, nas conversas fora da sala, guiá-los da melhor maneira. Meu segundo conselho é: olhem para Jesus. Acho que esse deveria ser o primeiro conselho. Mantenham os olhos fixos nAquele que pode nos salvar e nos dar uma vida com abundância e eterna."

O resto da semana passou em um piscar de olhos. Entre duas provas da escola, organizar a pauta do jornal e apresentar aos meus colegas de equipe, o tempo se tornou escasso. Quando eu ficava livre, era Leonardo quem estava ocupado, pois tinha compromisso com a família.

Graças a Deus, eu havia conseguido definir a pauta da minha última matéria do jornal e o tema era uma série de conselhos dos formandos para os alunos que se formariam no ano seguinte. Comecei recolhendo os relatos e a maioria se resumiu em duas dicas: estude muito e se

divirta muito. Eram dois conselhos contraditórios a princípio, mas alguns alunos conseguiram expressar melhor o que queriam dizer com ambos.

A matéria ficaria excelente, pelo menos era o esperado, e eu me encontrava em um poço de animação para organizar cada relato. A equipe havia aprovado o tema e não perdi tempo em começar a preparar tudo, já que estávamos na reta final.

Agora só faltavam duas semanas para o fim do meu Ensino Médio e era uma mistura de sentimentos.

Meu sábado seria cheio de compromissos. O primeiro era o almoço na casa da vovó Íris e depois o evangelismo na igreja com os jovens. Eu com certeza estaria lá. Enviei uma mensagem para minhas amigas avisando que talvez eu atrasasse, já que vovó e vovô moravam em um sítio um pouco longe da cidade.

— Malu, pegou a tigela que pedi? — ouvi a mamãe perguntar e gemi de frustração ao perceber que não.

— Vou buscar agora, *mamis!* — Joguei-lhe um beijo e levantei-me do sofá.

Peguei a vasilha rapidamente e, quando voltei à sala, meu pai já estava em pé desligando a TV e com as chaves do carro na mão.

Mabi passou correndo segurando seu tablet e sorri com a animação dela. Minha irmã era muito apegada com meu avô e amava ir para o sítio. Eu desconfiava que era mais por causa do cavalo que tinha lá do que por meu avô, mas o vovô se recusava a acreditar.

“Vovó disse que ia fazer torta de chocolate para a sobremesa.” Descobri o motivo de toda agitação.

A ideia do doce fez meu estômago roncar e eu tinha acabado de comer um pãozinho massa grossa.

Papai deu partida no carro e aproveitei para ler um pouco no meu celular enquanto estávamos indo. O carro em silêncio era normal para nós e por isso consegui ler uns três capítulos do livro.



Vovó Íris morava fora da zona urbana. Ela e vovô Hugo gostavam da vida do campo, e a

solução que encontraram havia sido essa para não se afastarem tanto da cidade. Meu pai era o mais velho de quatro filhos e o único que morava na cidade ainda; por consequência, éramos as netas mais próximas — minha irmã mais ainda, já que gostava de cuidar da horta e dos animais, coisa que não me atraía tanto.

Ao chegarmos, vovô já nos esperava na porteira. Mabi saltou do carro e foi correndo ajudar enquanto entrávamos.

A distância entre a porteira e a casa era pouca, então logo avistamos vovó na entrada da casa acenando sorridente. Os almoços em sua casa eram sempre recheados de comida gostosa e risadas, o que fazia ser uma das minhas programações favoritas.

— Ah, que bom que chegaram! — Vovó estalou um beijo em meu rosto e abracei-a apertado, sentindo seu cheirinho. Avós tinham um cheiro único.

— A senhora está melhor? — Ela havia tido uma crise de asma na semana passada.

— Graças a Deus, sim! — Levantou as mãos.

Algumas galinhas estavam soltas pelo quintal e eu tentava ao máximo fugir delas. Não que eu tivesse medo, era mais para evitar constrangimentos como eu correndo de uma galinha.

— Aí fomos no hospital e pensa em uma demora para nos atender? — Ouvi vovó contar para minha mãe enquanto se servia de café. — O Hugo se estressou logo e reclamou com a recepção, e disseram que era normal a demora, porque estava muito cheio.

— Sempre está cheio — meu avô resmungou.

— E olha que o hospital costuma ser elogiado bastante, pai — meu pai falou.

— Sua mãe foi bem atendida, o problema é a espera. A dor não tem hora marcada, aí fica complicado.

Infelizmente era a realidade do sistema de saúde brasileiro. Hospitais sempre cheios e com demora nos atendimentos deixavam todo mundo mais estressado, tornando o ambiente pesado.

— Vou ligar o fogo — meu avô avisou e meu pai o acompanhou, deixando-nos sozinhas.

— E a escola, como está, meninas? — E, assim, engatamos na conversa novamente.

— Vou ser a oradora da formatura — contei animada.

— Que legal, Malu, e como é isso? — Enrugou a testa. Pensei em como explicar meu papel.

— Ah, eu vou discursar junto de um colega. — Revirei os olhos ao pensar em Leonardo.

“Junto do namorado dela”, Bianca se intrometeu e minha vó arregalou os olhos ao mesmo tempo que minha mãe, que parou de lavar as louças. Minha irmã podia não ouvir, mas era atenta demais e sabia fazer leitura labial. Deve ter visto uma das meninas falando sobre o baile e ter entendido errado.

— Que namorado? — As duas questionaram juntas.

Fuzilei Mabi, querendo apertar seu pescoço. *Paciência, Malu, paciência.* Sussurrei para mim mesma.

— Não é meu namorado — grunhi. — É só o Leonardo, meu colega de sala.

— Ah, aquele garoto que era seu amigo? Sinto falta dele aqui no sítio, vocês amavam vir pra cá e ir pescar com o Hugo — vovó disse, nostálgica. Segurei a vontade de revirar os olhos novamente, pois seria falta de respeito.

— É ele mesmo. Não somos amigos, só colegas. — Balancei a cabeça, tentando não me incomodar com as lembranças. Realmente éramos muito unidos quando crianças

Minha mãe me encarou desconfiada, mas não prolongou o assunto.

Dei graças a Deus quando meu pai apareceu perguntando por uma grelha e minha avó saiu para procurar.

— Esses homens nunca acham nada — brincou.



O almoço havia me deixado tão cheia que, quando vô Hugo trouxe a sobremesa, encarei a tigela por alguns minutos decidindo se comia ou resistia à torta de chocolate. No fim, acabei provando só um pedaço para não fazer desfeita.

— Isso aqui é uma delícia! — Quase gemi de felicidade. Não tinha jeito, comida de vó era outro nível.

— Íris, você precisa me ensinar essa receita — mamãe pediu.

— Eu também quero. — Levantei a mão.

— Vamos combinar uma tarde de garotas, que eu ensino a vocês.

Balancei a cabeça em concordância e voltei a saborear a torta.

— Malu, você disse que tinha um evangelismo que horas mesmo? — Papai olhou para o relógio no pulso.

— Quatro. — Limpei minha boca com um guardanapo. — Mas preciso estar às três na igreja. Que horas são?

— Duas. Vai se preparar, então, já te levo — disse e me levantei para trocar de roupa.

Havia levado uma mochila com a blusa que usaria no evangelismo. Era um uniforme que todos vestiriam para nos identificar. Fiz um rabo de cavalo e peguei o boné da mochila.

Depois de ter me trocado e escovado os dentes, fui me despedir dos meus avós.

— Mas já vai? Tá cedo, *fia*. O sol nem esfriou ainda — vovô comentou.

— É que tem evangelismo dos jovens hoje, vô — expliquei.

— Ah, está certo. O motivo é bom. — Riu. — Você e sua irmã têm que vir mais vezes ficar aqui. — Acenei, concordando.

— Vamos marcar! — Prometi. Dei-lhe um beijo no rosto e fui me despedir da vovó, que assistia à televisão enquanto acariciava os cabelos de minha irmã, que dormia com a cabeça em seu colo.

— Vó, já estou indo, viu? — Avisei.

— Agora? — Olhou para mim sem entender.

— Só eu e meu pai. Depois ele volta — disse. Abracei-a com cuidado, deixando um beijo em sua testa.

Encontrei minha mãe deitada na rede lendo um livro e avisei que já estávamos indo. Dona Fernanda jogou um beijo e voltou sua atenção para o livro.

Meu pai buzinou e corri, pegando a mochila.

— Animada? — perguntou quando entrei no carro.

— Sim! — respondi enquanto verificava a hora no celular.

Como estávamos sem sinal de telefone, não havia como enviar mensagem para Carol avisando que estava indo para a igreja.

Meu pai batucava no volante no ritmo da música.

— Papai, tenho um trabalho de Física para a próxima semana, pode me ajudar? — Pedi ao lembrar da bendita tarefa que auxiliaria com as notas da prova.

— Claro! Qual a matéria?

— Alguma coisa a ver com eletrostática.

— Só me lembrar durante a semana. — Piscou.

Papai começou a cantarolar a música e aproveitei para apreciar sua afinação musical, claramente algo que eu não havia puxado dele.

Depois de quase quarenta minutos, estacionamos em frente à igreja, que já estava aberta.

— Tchau, papai — despedi-me.

— Liga para mim quando terminar — pediu e acenei concordando.

Alguns jovens já haviam chegado e reparei que alguns eu não conhecia, e eles não vestiam nossa camisa, mas, sim, outra.

— Oi, gente! — Cumprimentei a todos com um sorriso.

— Oi, Malu. Quanto tempo! — Sara, uma das jovens, que era missionária, me respondeu. Ela havia viajado há seis meses para uma base missionária.

— Sara! — Dei um abraço nela. — Não sabia que havia voltado.

— Faz só uma semana — contou. — Como você está?

— Muito bem e você? Vai voltar para a base ou vai ficar por aqui?

— Deus mandou voltar, só obedeci — disse.

Eu gostaria de ter uma fé assim. Um dos meus maiores medos era estar fazendo algo de que eu gostava e Deus me mandar parar. Sem dúvida o chamado de Sara era missionário. Eu não compreendia como Deus a havia mandado voltar quando ela estava fazendo Sua obra.

— Nem sempre entendemos, na verdade não precisamos entender a vontade de Deus. Se Ele me queria aqui, então aqui estou eu. Ainda sem compreender, mas confiando que Sua vontade é melhor. — Apesar das palavras, seu rosto não passava tanta animação.

— E você está lidando bem com isso? — Rosane, uma das meninas, perguntou.

— Não cem por cento. Ninguém fica feliz quando é tirado do lugar onde estava feliz. Mas estou tentando encontrar contentamento. Nem sempre fazer a vontade de Deus é fácil. Na maioria das vezes, é recheado de dificuldade e de abrir mão em pura confiança em Deus. Estava muito feliz lá na base e sei que Deus há de confortar meu coração e guiar meus passos, mesmo que agora eu não me sinta consolada.

— Estar debaixo da vontade de Deus é sempre a melhor decisão — um dos garotos que eu não conhecia comentou.

— Com certeza! Eu achava que nunca mais voltaria para casa e meu desejo agora era viver no campo missionário, contudo Deus me mandou de volta. Então só tenho duas escolhas agora: fazer do meu lar meu campo missionário ou desobedecer a Deus. E, olha, Deus me livre da segunda opção. — Sua fala nos fez rir.

Eu achava que tinha fé. Achava mesmo. Entretanto, toda vez que ouvia alguém falar de seu testemunho de confiança em Deus, eu descobria que ainda precisava aprender mais. É muito fácil falar que confiamos em Deus quando estamos em nossa zona de conforto, mas e se a vontade do Senhor for totalmente contrária à minha? Eu ainda confiaria nEle? Ainda diria que Sua vontade era perfeita? Eram questionamentos que eu precisava pensar mais.



CAPÍTULO NOVE

"Se eu pudesse definir como gostaria de ser lembrada, é como uma mulher que amou Jesus. Eu sei que daqui a dezenas, centenas de anos não seremos mais nada na memória das pessoas. Mas eu gostaria que vocês lembrassem isso de mim: Soraia, aquela que amou Jesus. Em minhas ações, meu trabalho, em toda minha vida, eu tenho me dedicado a transmitir o meu Senhor não apenas com palavras, e sim com meu modo de viver."

Eu definitivamente não estava acostumada a ver tanta gente em um evangelismo. Minha igreja nunca teve um grupo de jovens grande, então era estranho à primeira vista. Naquela tarde, os jovens de outra igreja, a mesma que visitáramos, juntaram-se a nós.

Eram comuns os cultos de intercâmbio entre as igrejas, mas não evangelismos.

A devocional já tinha começado quando Carol chegou. Sempre havia esse momento antes de sairmos pelo bairro. A loira ao meu lado era a única que tinha vindo, pois Alê e Fabi estavam em um compromisso.

— Quase me atrasei — cochichou enquanto fazia um coque com o cabelo.

— Achei que nem vinha mais.

— Minha mãe se atrasou para ir me buscar na casa do meu pai — justificou-se.

Após o louvor, o pastor de jovens começou a dar as orientações necessárias. O evangelismo tinha foco em convidar as pessoas para o culto do dia seguinte, mas, se houvesse abertura da parte delas, podíamos compartilhar mais sobre Jesus.

Sorri de maneira nervosa. Apesar de não ter problemas para falar em público, ainda tinha um certo receio em como abordar as pessoas e decidi que observaria primeiro para, assim, tomar alguma atitude.

Fomos divididos em grupos e cada um ficou responsável por uma parte do bairro. Minha equipe era composta por cinco pessoas contando comigo. Nossa líder era a Sara e fiquei feliz por poder aprender com ela na prática. Os dois meninos que estavam conosco eram da outra igreja e se chamavam Lucas e Felipe.

— Como o pastor falou, nosso foco será convidar jovens, mas, qualquer pessoa que se mostrar disponível, podemos abordar — falou enquanto distribuía os folhetos com as informações do culto, endereço da igreja e um versículo.

Antes de sairmos, nosso grupo orou em conjunto para que Deus nos guiasse para as pessoas certas.

— Sara! — o pastor gritou, acenando.

— Já volto, gente!

Sara correu em direção ao pastor. Observei-a balançar a cabeça, parecendo concordar com algo, porém logo minha atenção foi tirada deles.

— Malu, você sabe se a Fabi vai vir amanhã? — Lara, a ruiva que estava ao meu lado, perguntou.

— Acho que sim. — Franzi a testa.

— Preciso conversar com ela pessoalmente. — Deu um sorriso sem graça.

— Vou perguntar para ela — falei, já pegando meu celular.

— Ah, obrigada! — Suas bochechas coraram, deixando-a ainda mais vermelha. Apesar de não ser ruiva natural, o tom acobreado se encaixava perfeitamente nela. Parecia que havia nascido ruiva.

Digitei a mensagem para Fabiana e logo guardei o celular quando percebi que Sara estava

voltando e não estava desacompanhada.

Quase gemi de frustração ao perceber quem era sua companhia. *Leonardo*.

Por que nos últimos dias parecia que tudo conspirava para que nos encontrássemos?

Vivi os últimos anos lidando com ele somente na escola, mas, agora, em todo lugar que eu ia, parecia que lá estava ele com seu sorriso de tirar o fôlego, as jaquetas jeans e olhos doces.

Olhos doces, Malu? O que são olhos doces?

Revirei os olhos para mim mesma.

— Estão prontos? — Acenamos com a cabeça que sim. — Esse é o Leonardo. — Apontou para ele. — Vai ficar em nossa equipe também!

— Fala, pessoal! — Cumprimentou os meninos com um soquinho e um aceno para mim e Lara. Seu sorriso não morreu ao me ver, pelo contrário aumentou.

Não crie minhocas na cabeça, Maria Luana. Repreendi a mim mesma.

Saímos da igreja em direção à rua pela qual começaríamos.

Concentrei meus pensamentos e meu coração no privilégio que era compartilhar sobre o Senhor com outras pessoas. Queria que elas conhecessem o Jesus que eu conhecia. Aquele que mudou minha vida quando eu era apenas uma criança de dez anos que compreendeu que era pecadora e necessitava de salvação. Ter nascido na igreja fazia com que esse momento de conversão se tornasse confuso para mim. Não foi uma experiência extraordinária e eu não carregava um testemunho chocante. Na verdade, tudo havia sido simples demais, o que me fazia questionar às vezes se eu realmente era convertida.

Cresci sabendo quem era o Senhor Jesus. Eu sabia que era um privilégio que nem todos tinham e sabia também que essa dúvida existia na vida de quem sempre conheceu a Cristo.

Era um misto de ser feliz por sempre ter acreditado com uma incerteza sobre quando foi que de fato havia acontecido o momento de crer verdadeiramente por si só.

A única coisa que eu lembrava era que um dia cheguei para os meus pais e disse que queria Jesus na minha vida para sempre. Teria sido naquele momento? Eu queria acreditar que sim.



Meus pés estavam doloridos.

Apesar de All Star não ser tão conhecido pelo conforto, eu não abria mãos dos meus tênis. Eu tinha uma coleção deles e amava usá-los.

Levei a garrafa à boca enquanto escutava Sara conversar com uma família que havíamos abordado já na volta para a igreja. Os pais prestavam atenção na conversa e não percebiam que a criança estava indo em direção à rua movimentada.

Olhei para os lados e, quando avistei um carro vindo, corri em direção ao menino.

— Cuidado! — Agarrei seu braço ao mesmo tempo que Leonardo o segurou.

O menino fez cara de quem ia chorar e me ajoelhei ao seu lado para tentar contê-lo, mas eu não lidava muito bem com crianças.

— Olha, não pode ir para a rua. Tem carros, motos e você pode se machucar — tentei explicar usando uma voz calma e, mesmo assim, o menino continuava com bico de choro.

— Ei, carinha. — Leonardo se ajoelhou. — O que você acha de subir nos meus ombros e a gente ir até seus pais?

Na mesma hora, o menino, que devia ter uns cinco anos, deixou o bico de lado e sorriu. Leonardo o ajudou a subir nos ombros e eu fiquei observando para que a criança não caísse. Contudo parecia que Leo havia feito aquilo várias vezes, tendo em vista que ergueu o menino com maestria e nem parecia sentir seu peso.

O sorriso da criança era enorme e suspirei, dando graças a Deus que ele não ia chorar e os pais poderiam continuar prestando atenção em Sara.

Andávamos lado a lado em silêncio indo em direção ao restante do pessoal.

— Mais rápido — o garotinho pediu.

Leonardo me olhou, deu um sorriso de quem aprontaria e saiu andando apressado, dando pequenas curvas sem correr. Ele definitivamente devia saber o que estava fazendo, pois tirou gargalhadas do menino, o que chamou a atenção dos pais.

— Ah, eu já estava te procurando, João Augusto — a mulher falou com um suspiro. — A gente descuida um minuto e o menino some. — Tentou brincar, mas era visível sua preocupação.

— Vem, filho. — O pai pediu estendendo os braços e foi automático o bico de choro da criança voltar. — Eu te levo nos ombros também. — Bateu em seu próprio corpo.

— Acho que ele gostou de mim. — Leo riu.

O rapaz se ajoelhou e desceu a criança dos ombros. O menino já havia começado a chorar, mas logo ele interveio.

— Foi muito legal, não é? — perguntou e a criança balançou a cabeça em afirmativo. — Só que agora o tio tem que ir, mas você pode me encontrar na igreja, sabia? Lá tem muita criança também e sei que você vai se divertir, além de aprender muitas coisas. — Fez um carinho no cabelo loiro do menino.

— Papai, a gente vai? — Virou-se para o pai, que deu um sorriso sem graça.

— Vamos, sim, filho. Agora vem para o papai — chamou novamente.

Na segunda tentativa do pai, o menino foi sem choro e deu um tchau com as mãos para Leonardo, que havia lhe conquistado. Essa era uma habilidade que gostei de descobrir.

Nós nos despedimos da família, que garantiu ir em uma das escolas dominicais da igreja.

Todos já estávamos cansados, contudo os semblantes eram de felicidade por poder participar daquele momento de levar o evangelho a outras pessoas.

Havíamos abordado um bom número de jovens, alguns eram mais tímidos e não davam tanta abertura, já com outros conseguimos falar mais abertamente.

Agora nossa tarefa seria orar para que Deus trouxesse essas pessoas e que nossos convites e palavras realmente ficassem em seus corações.

— Você lida bem com crianças — comentei com Leonardo quando chegamos à igreja.

— Ah, eu às vezes ajudo com o departamento infantil e, bom, tenho uma irmã bem mais nova que eu — falou sem me encarar.

— Eu tenho uma irmã mais nova e descobri que não levo jeito — brinquei. — Quase fiz a criança chorar.

— É só prática, Maria Luana. — Piscou e revirei os olhos.

— Malu! — Virei o rosto ao ouvir meu nome. — Seu cadarço está desamarrado. — Um dos garotos apontou para meu tênis.

Olhei para baixo novamente e vi que era verdade.

Quando ia me abaixar, minha cabeça se esbarrou com outra.

— Ai – murmurei, levando a mão até ela. Ajeitei os óculos no rosto e olhei para baixo notando que Leo estava agachado, amarrando meu tênis.

Meu coração deu um pulinho com a atitude e eu senti na mesma hora minhas bochechas

corarem.

— Não precisava. — Sorri sem graça.

— Não foi nada de mais. — Passou a mão no cabelo, tirando as ondas que caíam por seu rosto.

— Obrigada! — Exclamei, ainda surpresa com sua atitude.

Leonardo se despediu de mim com um até logo, deixando-me para trás sem saber como agir com suas atitudes, que estavam mudando de uma hora para outra.

O garoto implicante agora parecia mais com meu amigo de antigamente. Era difícil entender suas ações.

Decidi deixar para pensar depois nisso e fui em direção às garotas que conversavam reunidas.

O evangelismo já havia sido finalizado e éramos quase a última equipe a chegar na igreja. Procurei Carol e a encontrei vindo em minha direção.

— E aí? Era o Leonardo que estava com você quando chegou?

— Era!

— Sabia. — Estralou os dedos. — Pensei que estava maluca, *mermã*.

— Faz tempo que vocês chegaram?

— Nada, uns minutos só.

— Você vai lá para casa?

— Vou, sim. Ainda bem que o sol esfriou, porque eu estava até com uma sombrinha dentro da minha bolsa. — Abriu o zíper, mostrando.

— Realmente. Vamos?

Ela assentiu.

— Acho que, se a gente *arrodear*, vai ser mais rápido do que pelo caminho normal — comentei e Carol concordou

Após nos despedirmos do pessoal, decidimos ir andando, já que minha casa não era tão longe da igreja. Devia ser uns quinze minutos de distância indo a pé.

Enviei uma mensagem para meu pai falando que já estava voltando e recebi só um “Ok” em resposta.



CAPÍTULO DEZ

"Meu terceiro conselho, na verdade, é uma pergunta: como você gostaria de ser lembrado? Se ainda não está vivendo sua vida da forma que deseja ser lembrado, é sempre tempo de recomeçar."

O fim de semana havia passado mais rápido do que eu esperava. Parecia que os dias eram mais curtos nessa reta final do Ensino Médio. A semana oficial de provas começaria na próxima segunda-feira, depois seriam os resultados, recuperação final e, em três semanas, o baile de formatura. A data que esperávamos desde o início do ano e que até menos de um mês atrás não sabíamos se teria mesmo.

Em quinze dias, eu finalmente teria terminado o Ensino Médio, caso não ficasse de recuperação em nenhuma matéria.

Ainda não tinha conseguido escolher meu vestido, mesmo tendo ido com as meninas em uma loja super-recomendada. Contudo minha decepção foi enorme. Os vestidos eram bonitos, só que todos eram ou muito decotados ou transparentes e, com certeza, não seria algo que eu usaria.

A única que havia concordado comigo nesse ponto era Carolina. Apesar de todas professarmos a mesma fé, havia pontos de discordância, mas eu nunca abriria mão dos meus princípios, e modéstia era um deles. Meu corpo não era meu e, sim, templo do Espírito Santo. Por que eu usaria uma roupa que me deixaria mais nua do que vestida na frente de tantas pessoas?

Pureza não era apenas sobre virgindade, como as pessoas pensavam.

"Ah, mas roupa não define caráter", alguém poderia dizer e eu concordava. Entretanto o caráter molda a roupa que escolhemos. Modéstia vai muito além de usar roupas compridas, saias ou vestidos. Trata-se sobre seu coração e a intenção dele.

Uma calça pode ser modesta e uma saia pode não ser. Para quem nos vestimos? Qual a intenção de usar tal peça? Eram perguntas sérias a serem respondidas na hora de usar uma roupa.

Muitas pessoas se vestiam de modo aparentemente modesto, mas seu coração desejava apenas apresentar uma falsa humildade, uma vontade de se sentir superior a outras pessoas. Por isso, era necessário ter cuidado e sempre sondar a intenção dos nossos corações.

Eu sabia que aqueles vestidos expressavam uma ideia que eu não gostaria de passar. Meu corpo só deveria ser revelado para aquele que seria meu marido, debaixo da bênção do casamento.

Por todos esses motivos e mais alguns, decidi que compraria sozinha com minha mãe e procuraria outros modelos de vestido.

— Se tivéssemos tempo, daria para mandar fazer — mamãe comentou enquanto olhava alguns vestidos.

— Sim! Só que tempo é algo que não temos. — Eu já estava desanimada. Aquela devia ser a terceira loja e não encontrávamos nada.

A direção havia deixado aberta a cor do vestido por causa do pouco tempo que tínhamos para encontrá-los e, por morarmos em uma cidade não tão grande, estava se tornando uma missão impossível. Quando encontrei um vestido que poderia ser "o vestido", tomei um susto ao ver o preço, simplesmente o olho da cara. Minha mãe fez uma careta e rimos discretamente.

Saímos da loja após agradecer às vendedoras.

— E agora, mamãe?

— Eu acho que tem um ateliê perto daqui — disse.

Arrumei os óculos em meu rosto e suspirei. Seria nossa última tentativa.

Andamos pela rua em busca do ateliê que mamãe pensava existir.

Senhor, por favor, me ajude a encontrar um vestido que não desonre aquilo que acredito. Orei em pensamento.

— Ali — mamãe apontou para o outro lado da rua.

Ateliê Dona Vera. Li a placa.

A fachada era pequena e parecia apagada em meio a tantas lojas. Havia alguns vestidos de noiva na vitrine e sorri ao notar que eram bonitos.

— Vamos lá, última tentativa. — Tentei sorrir, mas já estava desanimada e cansada após uma tarde inteira procurando.

— Tenha fé, querida. — Apertou minha mão e piscou.

Atravessamos a rua e entramos na pequena loja. Havia poucos vestidos nas araras e parecia vazio, sem nenhuma vendedora.

— Olá — minha mãe tentou chamar alguém.

Passei as mãos pelos vestidos, procurando algum que me agradasse.

Havia muitos modelos e variadas cores, mas nenhum chamou minha atenção de cara.

— Olha esse, Malu — mamãe mostrou um vestido amarelo.

Fiz uma careta na mesma da hora. Não pelo modelo, mas pela cor. Amarelo não era um tom que caía bem em mim.

Ela riu da minha careta, sabendo o motivo, e devolveu o vestido para a arara.

— O que minhas princesas estão procurando? — Uma senhora de cabelos brancos e com uma fita métrica no pescoço nos deu um susto. Acho que, se houvesse uma fada madrinha, ela estaria apta para o cargo. E eu esperava que fosse a minha.

— Vestidos de formatura — mamãe respondeu levando a mão ao peito, tão assustada quanto eu.

— Para essa mocinha? — Apontou para mim, avaliando-me da cabeça aos pés.

— Sim, para mim — respondi.

— Hum! — Aproximou-se e deu uma volta ao meu redor. — Você tem preferência de cor?

— Lilás, rosa, azul, verde-água — citei algumas opções. Lilás era a número um por ser

minha cor favorita, mas, a essa altura do campeonato, eu já não acreditava que encontraria um vestido do jeito que queria.

— Vou ver se acho algo para você — disse e saiu antes que eu falasse o que não podia ter no vestido.

Sentei-me no banco e peguei um paninho na bolsa para limpar minhas lentes, que já estavam todas sujas de tanto eu arrumar os óculos no rosto.

— Desanimada?

— E frustrada! — desabafei. — Por que é tão difícil encontrar vestidos decentes?

— Porque a pureza se tornou algo raro em nosso mundo, Malu. Mas ainda existe, isso eu tenho certeza. — Mamãe sorriu. — Elisabeth Elliot disse o seguinte: "Se seu objetivo for a pureza de coração, esteja preparada para ser considerada muito esquisita."[6]

— É, eu me sinto na contramão do mundo quando tento expor o que penso. Na maioria das vezes, as pessoas zombam e desacreditam dizendo que é besteira, que não tem nada de mais. Às vezes eu penso se não sou maluca por ter tantos padrões, parece que ninguém se importa mais.

— Minha filha, não importa o que o mundo diz, e, sim, o que o Senhor diz. Se sua palavra diz "sejam santos", é assim que o Senhor quer que sejamos. Mesmo que o mundo nos acuse de sermos santinhas, puritanas, ora, isso deve ser um elogio. É assim que nosso Senhor nos diz para sermos: santas. E se o mundo nos olha e diz que somos santas, amém. Estamos cumprindo a vontade de Deus.

— Fabiana disse que é besteira e que um vestido não molda quem ela é.

— Muitos vão dizer isso, querida. Vão rir dos seus princípios e dizer "o que tem a ver?". A grande questão é: você guarda esses princípios por temor a Deus ou aos homens? A quem seu coração quer agradar? Se você busca aplausos por se guardar, por não se expor, por não entregar seu coração a qualquer um, então lhe digo que é o motivo errado. Agora, se você faz tudo isso por amor a Deus, por compreender que é assim que o Senhor deseja que você viva, então continue sem olhar para que os outros pensam.

— Eu faço por amor a Deus — respondi sem pestanejar.

— Então continue firme, sem abrir mão daquilo que crê. O Senhor a vê, querida. Não se esqueça disso, o Senhor a vê e isso vale mais do que qualquer aplauso desse mundo caído.

— Acho que eu precisava me lembrar disso. Já tentei ser aceita, já tive ações que hoje me envergonho, tudo em uma tentativa vã de ser como todos os outros e, para falar a verdade, ainda sinto que tento me encaixar, mesmo sabendo que não consigo. É vergonhoso falar que às vezes queria ser como todo mundo?

— É ser humana, Malu. Todo mundo em algum momento quer se encaixar, quer pertencer a algo, a um grupo. Mas não vale a pena abrir mão de quem você verdadeiramente é. "É justo que muito custe o que muito vale." Renunciar às coisas passageiras desse mundo pela eternidade custa muito, querida. Já fui adolescente também, sei que temos carências e desejos, mas vale a pena abandonar tudo para fazer a vontade de nosso Deus.

A conversa com minha mãe havia revigorado meu ânimo. Eu não abriria mão daquilo em que creio só para ser aceita por alguns minutos, para ser como todo mundo. Havia muito mais a ganhar guardando meu coração e meu corpo.

— Eu encontrei dois modelos que talvez deem certo em você. — A senhora voltou e meus olhos brilharam ao ver a cor dos dois vestidos.



CAPÍTULO ONZE

"Não quero me estender muito e, por isso, desejo compartilhar apenas mais um conselho: vivam olhando para a eternidade. O ser humano tem um costume feio de pensar só nas consequências terrenas, mas quero lembrá-los de que suas almas são eternas. Toda esta vida vai passar e a eternidade é logo ali."

A livraria estava vazia quando entrei procurando por Leo. Nós nos encontráramos duas vezes para conversarmos sobre o discurso de orador, contudo não o havíamos concluído ainda. Aquele seria provavelmente o último dia em que nos reuniríamos na livraria e esperava que conseguíssemos finalizar nosso texto, pois as provas começariam na segunda-feira e eu já estava com minha energia sugada de tanto estudar.

Levei meu copo de *milkshake* à boca provando o novo sabor que Leonardo havia me feito experimentar. Em todas as nossas reuniões, ele trazia um novo sabor, porque havia mais do que chocolate no mundo, segundo ele. Eu revirava os olhos toda vez.

— E aí, gostou? — Puxou a cadeira.

— Chocolate ainda é o melhor! — Repeti a mesma frase que falava desde o início.

— Pode admitir que minhas escolhas são excelentes, você não vai morrer — brincou arrancando um sorriso meu.

— Ok, esse de amora com caramelo é uma delícia.

— Viu? Morreu? — Tocou minha testa com a mão.

— Vamos terminar? — Apontei para seu notebook aberto e ele assentiu.

O discurso já estava no final e revisávamos alguns detalhes do início, deixando nossas partes separadas.

No começo, parecia que nada sairia de bom de nossa união. Entretanto, conforme os dias foram passando, descobri em Leonardo um bom amigo, mais do que apenas um garoto implicante.

Ele era responsável, dedicado, trabalhador, amava o Senhor e era sempre um bom conselheiro. Compartilhamos nossas dores e ansiedades a respeito do futuro e, mesmo que eu tivesse minhas amigas, havia coisas que elas não compreendiam, como o anseio de servir ao Senhor acima de qualquer coisa.

Percebi o quanto havíamos perdido tempo com implicâncias bobas e o quanto nossa amizade era um presente do Senhor. Meu coração às vezes dava uma balançada ao notar o quanto Leonardo era um bom partido, mas eu sempre lembrava de um versículo necessário para toda garota: “Filhas de Jerusalém, não despertem o amor antes do tempo”[7].

Então eu procurava ocupar minha mente com outras coisas quando meu coração tentava me enganar dizendo o quanto eu precisava de alguém. Alguns dias eram mais difíceis que os outros, principalmente na TPM, quando as emoções ficavam à flor da pele.

Eu também passava muito tempo conversando com minha mãe, recebendo seus conselhos. Encontrei nela minha melhor amiga e a melhor conselheira que eu poderia ter. Mamãe entendia meus anseios, minhas lutas, meus sonhos, e eu sabia que podia sempre compartilhar qualquer coisa com ela.

Ainda havia muito a amadurecer e eu tinha consciência de que somente em Deus encontraria a completude. Não em um rapaz, não em um amor. A suficiência de que eu precisava só Deus poderia oferecer.

Era um fardo pesado demais colocar sobre os ombros de um homem a responsabilidade

de me completar. Eu era completa em Cristo e só Ele sabia o momento certo de um relacionamento amoroso. E a melhor coisa era confiar que Deus escreveria minha história de amor. Não adiantava tentar apressar a situação, eu só quebraria minha cara.

Um dos meus maiores motivos de gratidão a Deus era por ter aprendido essa lição sem precisar provar do errado. Muitas meninas partiam seus corações para aprender que só em Deus seriam completas, mas a boa notícia era que Deus era especialista em reconstruir corações, até o meu, que nunca havia sido quebrado por um rapaz, mas precisava de redenção dos ídolos criados por meu coração enganoso.

Eu podia nunca ter me relacionado com um garoto, mas eu sabia que já havia caído na autodefraudação e que constantemente precisava lutar para não colocar meus anseios amorosos acima de Deus.

— Você já decidiu? — perguntei após concluirmos o arquivo, satisfeitos com nosso discurso. Eu não me referia ao nosso texto e Leo sabia do que eu falava. Nossas tardes reunidas renderam muitas conversas sobre o futuro.

— Sim — respondeu sério. — Eu esperava um grande sinal de Deus dizendo: vai. — Riu. — Até que entendi que Deus já havia dito, eu só precisava ter coragem para obedecer. — Suspirou. — E você?

— Às vezes penso que sim, às vezes ainda me encho de dúvida. Mas tomei a decisão de continuar me dedicando aos vestibulares enquanto oro a Deus para que Sua vontade seja feita. O que não posso é cruzar os braços e esperar cair do céu a resposta. Enquanto espero, vou fazendo a próxima coisa que o Senhor colocou em minhas mãos — concluí o que demorei meses para entender. — Eu fiz algumas listas sobre minhas preferências, onde eu gostaria de trabalhar, matérias com que eu tinha afinidade, e fui afunilando. Sei que posso servir a Deus em diversas áreas, só ainda sou cheia de medos.

— Eu também sou — assumiu. — Pode parecer que tenho certeza sobre o que Deus quer para mim, mas ainda me encho de medo. Quando nos colocamos à disposição do Senhor, não é porque somos corajosos, e, sim, porque sabemos que, se estivermos com Ele, mesmo com medo, podemos confiar que Ele estará sempre conosco, em cada passo e decisão.

Meu desejo era uma resposta direta do Senhor sobre Sua vontade. Mas tudo que eu precisava já estava em Sua Palavra: “Fazei todas as coisas para a glória de Deus.”[8]

Seja na faculdade, seja sendo dona de casa, seja sendo missionária. Onde eu estivesse, viveria para a glória de Deus o que Ele tivesse colocado em minhas mãos.

— Uma das minhas autoras favoritas diz isso: faça a próxima coisa — contei.

— E quem é sua autora favorita? — Sua atenção estava fixa em mim.

— Elisabeth Elliot — sem piscar, respondi.

— Já li um livro dela. A história do marido dela, Jim Elliot, me inspira — disse, deixando-me surpresa.

— Eu sempre fico constrangida como cristã quando leio a história daqueles missionários, me faz pensar que fazemos tão pouco por amor a Cristo.

— Sempre fazemos pouco por amor a Cristo, Ele quem fez muito por nós ao nos salvar do pecado e da condenação eterna. Nada do que fazemos pode retribuir à altura. — Sua fala me deixou reflexiva. — Onde Deus nos plantar, é ali que faremos algo por amor a Ele. Seja glorificando-O em vida ou em morte.

Eu concordava com aquele pensamento.

Saímos da livraria após Leo recolher sua mochila no armário. Estávamos indo em direção a uma praça que ficava perto de seu trabalho.

Algumas famílias se reuniam aproveitando o fim de tarde. As crianças brincavam nos poucos brinquedos do parquinho, outras andavam de bicicleta ou patins. Era divertido ver a praça cheia. Acenei para uma irmã da igreja que segurava sua bebezinha no colo enquanto olhava o filho mais velho descer do escorregador.

— Vínhamos muito aqui quando éramos mais novos, não é? — Leonardo quebrou o silêncio.

— Sim! Havia mais brinquedos na nossa época. — Relembrei. — Tu ficava *invocado* sempre que perdia pra mim em alguma brincadeira.

— E era? Lembro disso, não. — Sorriu.

— Até hoje ainda fica, quando perde nas discussões na sala de aula — zombei.

— Acho que você está confundindo as coisas, viu? — Cutucou minha cintura.

— Pode parar, Leonardo. — Corri e ele logo me acompanhou.

Sentamos em um dos bancos vagos e ficamos em silêncio contemplando o pôr do sol. Nossa amizade estava voltando e sorri ao constatar isso. Era legal ter meu amigo de novo em

minha vida.

— Leo, por que a gente se afastou?

Antes que ele me respondesse, ouvi a buzina da moto da minha mãe. Despedi-me dizendo que ainda conversaríamos sobre o assunto.



A conversa que tive com Leo na livraria havia ficado gravada em minha mente. Revirei-me na cama pensando nas decisões que me seriam cobradas e no quanto o medo ainda estava presente em meu coração.

Medo de errar em minhas escolhas, de não seguir o que Deus deseja.

Perguntava-me se não estava sendo dramática demais ou se outras garotas passavam por essas mesmas dúvidas.

Dobrei meus joelhos e apresentei todas aquelas questões ao Senhor, como estava fazendo já há alguns meses. Minhas ansiedades e lágrimas seriam acolhidas por Aquele que já havia escrito todos os meus dias em Seu livro e isso era um baita consolo.

— Querida? — Mamãe bateu na porta e colocou a cabeça para dentro do quarto.

— Oi, mãe. — Levantei-me, enxugando o rosto

— Encontrei algo que você nem deve lembrar! — exclamou animada enquanto entrava no quarto com algo em suas mãos. — *Tandam*! — Entregou-me um caderno que eu conhecia muito bem. — O que foi? — Notou meu rosto vermelho.

— Não se preocupe. — Balancei a cabeça. — Meu diário! — A surpresa dominou minha mente.

Ganhei meu primeiro diário da minha avó Célia, que já havia falecido, em meu aniversário de dez anos e, desde então, eu os colecionava. Mas, em nossa última mudança de casa, havia perdido uma caixa com os mais antigos; pelo menos era o que eu acreditava.

— Estava misturado com os álbuns de fotografia, acredita? — Sentou-se na cama ao meu lado.

— Caramba! — Folheei o caderno sem acreditar que estava tocando em meu primeiro diário. Havia doído muito perdê-lo, por ter sido um presente da minha avó, que amava muito.

Sorri ao ver minha caligrafia feia de alguns anos atrás. Meus pensamentos acelerados pareciam não acompanhar o ritmo da minha escrita, o que resultou em muitos borrões.

Li alguns relatos contando sobre meu dia na escola e sorri com aquelas memórias que inundavam meu coração.

Eu tinha mudado muito em oito anos, mas ainda existia um resquício da menina que eu havia sido e os diários estavam ali para provar.

— Vou procurar para ver se encontro mais alguma coisa — mamãe disse.

Assenti e sorri para ela.

"Querido diário, finalmente eu te tenho. Pedi durante meses para a mamãe e ela sempre dizia que eu era muito nova, mas eu sempre gostei de escrever e queria escrever sobre minha vida. Estou fazendo dez anos e você foi um presente da vovó Célia, eu amo muito ela e foi o melhor presente de todos que eu ganhei.

Para comemorar meu aniversário, veio toda a família. Eu tive uma festa com bolo e salgadinhos. Minhas primas vieram e minhas novas amigas da escola também. Foi muito legal. Me diverti muito e brinquei no pula-pula que meu pai montou. Minha mãe fez meu bolo favorito de chocolate com morangos em cima.

Minha avó Íris perguntou qual era meu sonho e eu disse que quero cuidar das pessoas igual Jesus cuidou. Quero ajudar as pessoas e poder falar de Jesus para elas.

Ontem no culto eu disse para meus pais que Jesus era meu Salvador e eles ficaram bem felizes. Em breve vou fazer minha confissão de fé na frente da igreja, onde vou dizer que Jesus é meu Senhor e Salvador, mal posso esperar.

Diário, eu estou muito feliz. E espero poder te contar tudo que acontecer.

O versículo que li hoje era sobre não se preocupar com o dia de amanhã e bastar a cada dia seu próprio mal. Espero poder lembrar disso quando estiver ansiosa.

Papai e mamãe disseram que confiar em Deus é sempre o melhor, e eu confio.

Agora vou dormir. Hoje foi incrível. Queria que todo dia fosse meu aniversário."

As lágrimas desciam por meu rosto pela simplicidade daquelas palavras cheias de confiança em Deus que a Malu de dez anos aparentava ter.

Basta a cada dia seu próprio mal, eu precisava me lembrar de algo que havia aprendido

há muito tempo.

Peguei minha Bíblia, com o versículo de Mateus 6:34 já marcado, e sorri. Incrível como a Palavra do Senhor é sempre atual e o quanto eu aprendo ainda mais com o passar dos anos.



CAPÍTULO DOZE

"Está se aproximando o último dia de aula de vocês e o meu. Não tenho arrependimentos relacionados à minha vida como professora. Talvez eu pudesse ter feito mais, todavia sei que, tudo que estava ao meu alcance, tentei fazer. Tento imaginar o que vocês estão escrevendo em suas cartas, o que diriam se vissem a minha. Dez anos podem passar mais rápido do que eu imagino. Mas espero viver cada dia como se fosse o último, sendo feliz e contente com o que o Senhor tem me dado."

A última aula do Ensino Médio havia chegado. Era engraçado como essa data, de certa forma, era muito esperada e, quando finalmente chegou, carregava um resquício de saudade dos dias que passáramos dentro do prédio do colégio.

Minha turma estava animada e as conversas se sobressaíam cada vez mais. Tentar prestar atenção em alguém era difícil e ainda eram sete horas da manhã. Quem tinha ânimo nesse horário? Qualquer pessoa menos eu.

— Aí aceitei o convite dele — Fabi falou e eu arregalei os olhos.

— Mas você disse que não tinha aceitado! — Lembrei.

— Ah, eu acho que não tem nada de mais. Não aceitei antes, porque estava esperando um convite diferente, como não veio, aceitei. Melhor do que ir sozinha. — Às vezes eu achava que não conhecia direito minha amiga.

— Eu vou sozinha — Carol resmungou em tom ofendido.

— Eu também. — Dei de ombros com a situação.

Talvez eu devesse ficar triste por não ter tido nenhum convite, mas tentei não levar muito ao coração. Era apenas um baile de formatura e eu tinha minhas amigas para me divertir.

— Eu não acho errado ir acompanhada ao baile, só acho bem ruim desprezar quem vai sozinha — opinei.

Tentava acreditar que Fabiana não havia sido maldosa em seu comentário, contudo não gostava de mal-entendidos entre nós. Podíamos divergir em opiniões, mas não era motivo para ficarmos brigadas.

— Desculpa, meninas — pediu envergonhada. — Não quis dizer nesse tom.

— Eu finalmente achei meu vestido — Alessandra chegou até nós, animada. Seu sorriso era de orelha a orelha. A mudança de assunto veio em boa hora.

— Que cor é? — Carol expressou nossa curiosidade.

— Será surpresa. — Riu e a acompanhamos.

— A minha também será surpresa. — Fiz um bico.

— Qual será, hein, Malu? — Fabi zoou. Elas sabiam qual era minha cor escolhida sem eu nem precisar falar.

— Acho que vou surpreender vocês, hein. — Coloquei as mãos na cintura e tentei fazer uma cara misteriosa.

— Aliás, seu aniversário de dezoito anos está se aproximando, Malu. O que você vai fazer? — Alessandra perguntou.

— *Pior, né?* — Fiz uma careta. — Ainda não sei.

— O bom é que você ganha dois presentes, né, Malu? — Carol brincou.

— Só dos meus pais. Os privilégios de nascer perto do Natal. — Ri.

Meu aniversário era dia 20 de dezembro e meus pais sempre tentavam me dar dois presentes, mas eu entendia quando não era possível.

— Soraia já está vindo. — Apontei para o corredor, onde ela se despedia de outro professor.

Entramos na sala e fomos nos sentar. Logo depois, a professora entrou também, segurando uma caixa azul parecida com um cofre.

— Bom dia, alunos! — Sorriu. — Quem trouxe suas cartas?

Procurei a minha dentro do envelope lilás que eu havia comprado especialmente para isso.

Demorei quase três dias para escrever a carta. Eu escrevia, odiava, e escrevia novamente uma dezena de vezes. Foram muitas folhas gastas até pensar no que eu gostaria de dizer à Malu de 28 anos. Ainda era surreal pensar que, um dia, uma versão mais madura de mim leria aquela carta. Tentei imaginar como eu estaria e o que eu precisaria lembrar na hora de escrever a carta.

Pouco a pouco, os alunos entregavam suas cartas nas mãos de Soraia e logo chegou minha vez.

— Colocou até no envelope, Malu? — Sua expressão era de surpresa.

— Para ficar bonitinho. — Brinquei.

Corri para meu lugar e esperei que todos terminassem de entregar. Estava nervosa para saber o que a professora faria com as cartas.

— Bom, eu comprei esse cofrinho para guardar nossas cartas. — Apontou para a caixa em cima da mesa. — Eu também escrevi uma para abrirmos junto daqui a dez anos. Muita coisa pode acontecer nesses anos, porque a vida muda a todo instante. — Sua voz começou a embargar. — O que eu queria que vocês aprendessem ao escreverem essas cartas é que a vida é muito maior que as dúvidas permeando seus corações hoje. Nessa fase final do Ensino Médio, vocês precisarão tomar decisões que irão impactar suas vidas para sempre, mas lembrem-se: vocês sempre podem recomeçar. E agora eu peço licença a todos para expressar minha fé — Todos concordaram. — Eu creio que sempre há esperança para quem tomou as decisões erradas, sempre podemos recomeçar. Jesus mudou a minha vida dez anos atrás e quero dizer a vocês que, em dez anos, a vida de vocês também pode mudar. Não sei como será daqui a uma década, a minha única certeza é que o Senhor em que creio continuará sendo o mesmo. E vocês, qual a esperança de vocês para daqui a dez anos? — As lágrimas desciam por seu rosto com a emoção.

Soraia era sem dúvida uma professora querida por todos. Sua fala foi aplaudida pela sala

e me levou a sorrir, sabendo que sua esperança também era a minha. Eu poderia ainda ter muitos medos, mas as palavras de Soraia ressoaram no meu coração.

Em dez anos, eu provavelmente não seria a mesma, mas Deus continuaria o mesmo e Sua vontade ainda seria boa, perfeita e agradável. Restava a mim descansar e confiar nEle.



A última aula havia acabado. Os resultados de quem passara sem necessitar de recuperação saíram e somente três alunos precisariam tentar recuperar suas notas.

A turma se reuniu no pátio da escola para realizar a tradição dos formandos. Havia uma parede que, em todo final de ano, era pichada com frases, conselhos, memórias e assinada pelos alunos.

Já estava com meu spray roxo, pronta para deixar minha marca. A parede havia sido pintada de branco para que pudéssemos deixar nossas artes que ficariam expostas até a próxima turma se formar.

— O que você vai escrever? — Alê me perguntou.

— Um conselho e você?

— Uma frase que gosto muito. — Balançou seu spray.

Escolhi uma parte da parede em que caberia minha frase e comecei a escrever.

“Basta a cada dia seu próprio mal.”

Era um bom conselho para todos. Em meio às preocupações e ansiedades, era sempre bom lembrar que a cada dia bastava seu mal e que Deus cuidava dos nossos sonhos. Talvez o conselho fosse mais para mim do que para qualquer pessoa, mas, enquanto escrevia, eu orava a Deus para que, quando alguém precisasse de consolo sobre o futuro, lesse esse versículo, que agora me lembrava constantemente do cuidado de Deus.

Afinal, Ele cuidava dos pássaros e dos lírios do campo, Ele também cuidaria de mim. Eu podia confiar e descansar.

— É um bom lembrete! — Leonardo observou a frase quando finalizei.

— É, sim. O que você escreveu?

— “Faça a próxima coisa”. — Encarei-o, surpresa. — Uma amiga me aconselhou isso —

brincou. — Estou repassando o conselho.

Sorri, feliz por ele aparentar estar mais tranquilo. Podia parecer um conselho simples, mas fazer a próxima coisa em uma situação difícil requer a confiança de que Deus cuidaria do que fosse preciso.

— Te encontro no baile? — perguntou.

— Sim.

Nós nos encaramos por alguns segundos e logo nos despedimos. Fiquei olhando a parede, pensando no quanto aquela fase havia passado rápido. Mesmo com as dificuldades e desafios, eu gostei da minha adolescência naquela escola.

Orei silenciosamente por todos os alunos, professores e diretoras. Agradeci a Deus pelos anos ali e pedi pelos próximos.

“Seja onde o Senhor me plantar, que eu possa ser luz onde eu estiver”. Essa era minha oração.



CAPÍTULO TREZE

"Durante os últimos trinta anos, eu amei, chorei, fiz amizades incríveis, vi pessoas chegarem e partirem, aconselhei meninos e meninas, abracei e fiz o que pude por cada um. Agora concluo a missão de ensinar que o Senhor colocou em minhas mãos. Toda vez que eu pensava em desistir, eu lembrava que o Senhor havia me chamado para esta vida comum aos olhos de qualquer pessoa, mas que dava frutos extraordinários. Talvez Deus os chame para uma vida comum, não recusem esse chamado em busca de viver coisas excepcionais. Há beleza na vida comum. Podemos não ver com nossos olhos, mas, a cada semente que plantamos, é o Senhor quem dá o crescimento."

Faltavam duas horas para a formatura e o baile. O salão de beleza estava cheio de garotas da minha sala arrumando-se e conversando ao mesmo tempo. Era uma confusão de vozes e gritos animados.

O salão nem era tão grande e, com dez garotas, havia ficado ainda menor. Havia resolvido fazer um penteado simples com meu cabelo natural e não cedi à insistência da

cabeleireira em escovar, fiquei temerosa de não me reconhecer no espelho. Meu cabelo estava semipreso com uma presilha de pérolas que comprei em uma loja de bijuterias com minha mãe. As ondas bem definidas o deixaram ainda mais bonito do que eu estava acostumada.

— Se você usasse lentes, a maquiagem seria mais vista em seu rosto — a maquiadora comentou e dei um sorriso sem graça.

Eu definitivamente estava cansada daqueles comentários. Era sempre a mesma coisa a respeito dos meus óculos e ninguém entendia que eu gostava deles. Não queria ser outra pessoa em um dia tão importante e do qual provavelmente eu olharia as fotos daqui a uns dez anos.

— Gosto dos meus óculos. — Foi minha única resposta.

Passei dias olhando na internet maquiagens para esse dia, em busca de algo com que me identificasse. Graças a Deus, não houve resistência da maquiadora quando mostrei, apesar de suas sugestões de fazer um olho mais marcado e escuro. Recusei educadamente e ela compreendeu.

— Agora só falta o batom. — Saiu para buscar a cor que eu havia escolhido. O tom mais escuro de rosa contrastava com a leveza da maquiagem restante e eu havia gostado quando provei a cor.

— Graças a Deus, terminei meu cabelo — Carol comentou. Ela havia escolhido um coque com trança e seus fios loiros pareciam brilhar. — Só falta a maquiagem!

— Eu já estava com o pescoço doendo da posição para ser maquiada. — Levei a mão ao pescoço, massageando para diminuir a dor.

— Agora é minha vez. — Minha amiga fez uma careta.

Fabiana e Alessandra se arrumavam em outro salão, porque as vagas haviam acabado rápido demais e, para nossa tristeza, tivemos que nos preparar em lugares diferentes.

Digitei no celular para minha mãe saber que já estava quase pronta e logo recebi a mensagem avisando que meu pai estava a caminho para me buscar.

— Meu pai já está vindo — comentei. — Vou tentar descansar um pouco, ler o discurso de novo e me preparar psicologicamente para encarar o público.

— Pelo menos você vai ter o Leo contigo — Carol disse e eu assenti.

Realmente, agora, era um alívio ter a companhia dele como orador também. O nervosismo diminuía ao pensar que não estaria sozinha no palco.

— Graças a Deus. — Levantei as mãos.

— Quem te viu, quem te vê, Maria Luana. — Riu de mim.

Vanessa, a maquiadora, logo voltou com o batom escolhido e finalizou minha maquiagem.

— Está linda! — Arrumou meus cabelos e deu uma olhada em todo meu rosto.

— Nossa! — Espantei-me ao me conferir no espelho. Sem dúvida não estava acostumada com toda aquela maquiagem no rosto, mas logo comecei a me reconhecer e fiquei satisfeita com o resultado.

— Não gostou? — Senti um leve tremor na voz da Vanessa.

— É só diferente. — Passei a mão por meus cabelos. — Mas eu gostei, acho que estou bonita. — Ri sem graça.

— Você está linda, amiga! — Carol me elogiou e senti minhas bochechas esquentarem.

— Obrigada! — Ouvi a buzina e olhei pela porta de vidro, onde avistei o carro do meu pai. — Preciso ir, meninas. Vane, minha mãe disse que havia acertado com você, certo?

— Sim, querida. Sua mãe já deixou tudo certo. Boa formatura — desejou.

Depois de agradecer e me despedir de Carol, prometi enviar uma foto quando estivesse pronta.

Saí do salão e encontrei papai parado na porta do carro.

— Uau! Quem é essa princesa perdida? — brincou.

Sorri com vergonha.

— Está linda, filha, mas é linda todos os dias — elogiou.

— Obrigada, papai.

Meu pai abriu a porta do carro para mim, como sempre fazia desde que eu era apenas uma garotinha. Havia aprendido desde cedo como devia ser tratada, não só com palavras doces, mas com ações de um verdadeiro cavalheiro.

Era difícil entender por que algumas meninas aceitavam tão pouco quando eu tinha um exemplo em casa de um homem verdadeiro, temente a Deus, servo, amigo, trabalhador, amável, que se doava sempre pelos seus. Meu pai era um verdadeiro exemplo de homem e eu agradecia a Deus por ter sido criada por ele. Eu sabia que nem todas tinham esse privilégio.

— Está tudo bem? — perguntou de modo carinhoso.

— Só um pouco nervosa, papai — confessei. — Não é difícil falar em público para mim, mas, quando eu penso que estou concluindo uma etapa importante da minha vida, bate aquele nervosismo. O senhor sabe das minhas crises, né? — Tentei brincar para aliviar um pouco.

— Ah, eu sei, querida. Tenho orado por cada uma delas, para que o Senhor Jesus te direcione em cada escolha que você for fazer. — Olhou-me por um instante quando paramos no sinal de trânsito.

— E eu agradeço, papai. Não sei o que eu seria sem as suas orações e as da mamãe. Ainda tenho dúvidas, mas meu coração, a respeito do futuro, já está mais leve. Sei que posso confiar no Deus em que creio e que Ele cuida dos meus sonhos, até daqueles que esqueci.

— De cada um, leãozinho — citou meu apelido de infância. — De cada um deles.

Logo chegamos em casa e minha mãe já estava se arrumando. Pontualidade podia não ser o meu forte, contudo era o dos meus pais.

Mabi já estava pronta, sentada no sofá jogando no tablet. Toquei em minha irmã chamando sua atenção.

“Você está parecendo uma princesa” Elogiei.

“Você também” disse e sorriu.

Meu pai foi direto se banhar e fiquei na sala, esperando o tempo passar para eu me vestir. Estava fazendo muito calor e eu não queria ficar suada, já que não podia ficar na frente do ventilador por causa do cabelo.

“Você vai falar na frente de todo mundo?” Mabi perguntou.

“Vou.”

“Você não tem vergonha? Eu teria.”

“Eu tenho. Estou muito nervosa.”

“Você consegue” me apoiou.

Li o meu discurso no celular mais uma vez, tendo uma ideia. Já estava quase memorizando as palavras de tanto que lia.

Meu celular vibrou ao receber uma mensagem.

Leonardo: Acho que estou nervoso.

Ri ao ler.

Eu: Eu tenho certeza de que estou nervosa. Espero que dê tudo certo.

Leonardo: É só não desmaiar que vai dar certo.

Só ele para fazer brincadeira com nosso nervosismo.

— Malu — minha mãe me chamou.

Desliguei o celular e fui até seu quarto.

— Oi!

— Fecha meu vestido para mim, por favor.

Ajudei a fechar o zíper e, ao olhar para mim, mamãe respirou fundo.

— Não se vestiu ainda? Vai se atrasar, Maria Luana! — Reclamou.

— Estou com calor e vou suar.

— Vamos lá, vou te ajudar a colocar sua roupa. — Ignorou minha fala e só me restou acompanhá-la e torcer para o tempo esfriar.



CAPÍTULO QUATORZE

"Carregarei em meu coração todas as doces memórias desses lindos anos. Ser professora não era meu grande sonho, mas o Senhor escreveu uma linda história para mim. Que bom que confiei todos os meus dias a Ele. Foi a melhor decisão que tomei. Entregar a minha vida ao Senhor valeu a pena."

O vestido escolhido por mim parecia ter sido feito sob medida. Era incrível como cada detalhe revelava um pouco de mim. A cor era lilás, minha favorita, e tinha pequenos brilhos na parte de baixo do vestido. As mangas eram transparentes e caíam com leveza sobre os ombros. A saia não era tão rodada e, mesmo assim, me sentia uma princesa.

Mamãe me fotografava desde que pus o vestido, porque precisava registrar cada momento da noite, segundo ela. Mabi perguntava se ela poderia ter um vestido parecido, só que verde, que era sua cor predileta.

Meu coração acelerava ao imaginar como seria a festa. Tudo havia sido decidido de maneira rápida, pois o colégio havia anunciado um mês antes que teríamos o baile, então estava

com receio de ter ficado arrumada demais para o ambiente.

Olhei para o celular, repleto de mensagens de minhas amigas dizendo que já estavam prontas. Peguei o colar e entreguei para minha mãe prender o fecho atrás.

— Pronta?

— Sim! — exclamei sorrindo.

Tirei mais uma foto com minha família antes de entrar no carro e logo o papai deu a partida para o colégio. A festa seria na quadra da escola, que era enorme e coberta.

Em menos de quinze minutos, meu pai já estacionava em frente ao portão. Mamãe desceu do carro e abriu a porta para mim, ajudando-me a sair do carro. Maria Bianca desceu enquanto eu arrumava a saia do vestido, que graças a Deus não era muito bufante. Seu volume era médio, o que o deixava perfeito para mim.

Minha mãe trajava um vestido longo azul-marinho, meu pai vestia um terno preto e Mabi estava com um vestido midi rosa-claro. Todos vestidos formalmente, como a ocasião pedia.

Outros colegas já estavam chegando também. Acenei para alguns enquanto entrava, segurando o vestido.

— Acho que meus óculos estão sujos — comentei, sentindo minha visão embaçada.

— Espera aí. — Parei ao ouvir mamãe. Ela tirou um lenço de dentro da bolsa, que sempre carregava porque também usava óculos, e pegou os meus, limpando-os rapidamente.

— Agora, sim! — Minha visão havia melhorado, como se as lentes fossem novas; uma simples limpeza e parecia que eu enxergava melhor.

Ao entrarmos na quadra, fiquei surpresa em como a haviam transformado em um salão de baile mesmo. A decoração consistia em jogos de luzes, pista de dança, mesas com docinhos, arranjos de flores e balões, uma parede decorada para fotos e mesas espalhadas para os alunos se sentarem. O baile seria uma parte destinada apenas aos alunos e, antes, teria a cerimônia de formatura com a entrega dos diplomas.

— Malu, a diretora está te procurando — Paloma, uma colega, avisou.

Comuniquei meus pais e, enquanto eles iam para o local onde aconteceria a cerimônia, um pátio a céu aberto, fui à procura da diretora Ana Paula.

Segurei o vestido com cuidado para não correr o risco de tropeçar e cair de cara no chão, seria um desastre completo.

Subi as escadas que davam acesso ao andar superior, onde se localizava a sala da diretora, e a encontrei trancando a porta.

— Tia Ana — chamei de modo carinhoso. Apesar de ser jovem e não ter mais que quarenta anos, Ana Paula já estava acostumada em ser chamada de tia.

— Eu estava mesmo procurando você e Leo. — Sorriu ao me ver — Eita, está linda.

A diretora também estava muito bonita. O vestido era verde em um tom esmeralda com brilhos no colo. O brinco longo dava um charme a ela, por ser a única joia, e seu cabelo estava preso.

— Obrigada. Você está linda também.

— Vamos — chamou. — O discurso ficou ótimo e vocês têm liberdade para falar tudo. O discurso, antes de tudo, é uma expressão da opinião de vocês.

— Perguntamos a opinião de nossos colegas na hora de escrever, não queríamos constranger ninguém! — expliquei.

— Foi uma boa atitude. — Piscou.

Infelizmente, em alguns contextos, expressar a fé não era algo permitido abertamente em discursos, mas, para mim e Leo, a fé era a parte mais importante das nossas vidas e não poderíamos omiti-la.

Quando chegamos à escadaria, Leo foi avistado pela diretora.

— Acho que Leo já estava vindo nos encontrar. — Apontou para o rapaz parado no início da escada encarando-nos de maneira engraçada. Parecia estar em choque.

— Pelo menos não vamos ter que sair procurando por ele — brinquei. — Esses saltos não são fáceis de usar. — Levantei a barra do vestido para mostrar o presente de minha mãe.

Fiquei com medo de magoá-la e, por isso, acabei usando-os sem ter coragem de falar que preferia ter vindo de tênis. Segurei o vestido novamente com cuidado, tensa por causa da descida que parecia ser mais difícil do que a subida. Não conseguia segurar o corrimão por ter que escolher entre segurar o vestido ou me apoiar.

Parei um instante para subir os óculos no rosto, que haviam decidido que era uma ótima hora para ficar escorregando. Olhei para trás e vi que a diretora havia atendido a uma ligação e parado de andar.

Voltei a descer a escada e, como algo de ruim sempre podia acontecer, desequilibrei.

Meu pé simplesmente falhou em achar o degrau e, por milésimos de segundos, eu me vi esparramada no chão e com um galo na testa. Entretanto, antes que meu pesadelo acontecesse, um braço me amparou. De início, pensei que fosse Ana Paula, mas, quando me recuperei do choque, levantei o rosto e encontrei os olhos bonitos e preocupados de meu amigo.

— Está tudo bem? — Franziu a testa.

— Acho que s-sim. — Minha voz tremeu ao falar. Em choque, desprendi-me de seus braços e arrumei minha postura. *Meu Deus, eu quase dei de cara com o chão!* — Fiquei um pouco abalada com a quase queda.

— Eu entendo — respirou fundo. — Quase me mata do coração quando vi você se desequilibrando. — Tentou brincar. Sorri nervosa.

— Desculpe — disse, sem jeito.

— Não se preocupe. — Deu de ombros. — Graças a Deus, eu estava aqui para te amparar. Perto de mim, você pode se desequilibrar, que eu te seguro.

Sua fala me deixou mais em choque do que a queda.

— Amigos sempre se ajudam, não é?

Um balde de água fria seria menos gelado. Pelo menos Leo era sincero. Não tinha como criar expectativas, pois ele mesmo as destruía antes.

— Amigos, claro. — Sorri sem graça.

— Mas você está bem?

— Sim, acho que já me recuperei do susto. São esses saltos. — Apontei para os pés. — Não sei andar direito.

— E cadê seus tênis?

— Em uma mochila no carro. — Suspirei triste. Tudo que eu queria agora era conforto.

— Espera aqui. — Pediu e saiu, deixando-me sem entender nada.

— Onde está o Leonardo? — Ana Paula apareceu.

— Disse para eu esperar aqui e foi embora. — Minha cara mostrava que eu também não havia entendido a atitude.

— Você avisa a ele que o discurso está ótimo. Preciso ir recepcionar os pais. — Saiu falando sem me deixar dizer nada antes.

Sentei-me na escada, um pouco desanimada com o início da noite. Era para ser tudo

perfeito, contudo minhas expectativas haviam sido frustradas.

Orei silenciosamente pedindo a Deus pela paz que excede o entendimento. Ele não havia perdido o controle daquela noite e eu me apegaria a isso.

Cocei a cabeça por causa do spray fixador e já estava quase me levantando para ir para o pátio em busca dos meus pais, já que Leo havia sumido, até ele aparecer balançando nas mãos algo que me deixou incrédula.

— Meus tênis — gritei animada.

— Vamos lá, Cinderela. — Brincou e se agachou ao meu lado.

— Deixa que eu troco, Leonardo. — Tentei afastá-lo.

Ele negou com a cabeça e desatou minhas sandálias. Com cuidado, pegou minhas meias, que, graças a Deus estavam limpas, e calçou meus pés. O All Star branco combinava com meu vestido e, quando ele terminou de amarrar os cadarços, eu nunca me senti tão Malu, ou Maria Luana, como ele gostava de chamar.

— Prontinho, Malu. — Usou meu apelido pela primeira vez.

— Você me chamou de Malu! — Não escondi a surpresa.

— Somos amigos, agora — falou, como se não fosse importante, colocando as mãos no bolso. — O que a diretora queria conosco?

— Elogiar o discurso e dizer que podemos lê-lo completo — contei a notícia que o fez sorrir.

— Graças a Deus! Vamos? — Estendeu o braço em minha direção e aceitei o gesto cavalheiresco.

— Maria Luana — chamou-me e virei o rosto para ele antes de entrarmos no pátio. — Você está linda!

Seu elogio revirou meu estômago. Repetia em minha cabeça, silenciosamente, que éramos apenas amigos.

— Obrigada! — Minhas bochechas deviam estar coradas. — Você até que não está nada mal — falei em tom de brincadeira. Ele balançou a cabeça e entramos no pátio rindo.



CAPÍTULO QUINZE

"Queridos alunos, obrigada por serem tão especiais. Encerro minha jornada com a certeza de que vocês irão brilhar não somente academicamente, mas, sim, em toda a sua vida. Sejam muito felizes e que o Senhor Jesus esteja com cada um de vocês."

A diretora deu início à cerimônia com um discurso sobre o quanto estava feliz em presenciar a formatura de mais uma turma.

Nem todas as escolas optavam por fazer formaturas para terceiranistas, mas a nossa havia dito desde o início do ano que haveria uma pequena cerimônia para os formandos, que sem dúvida era a parte mais esperada por alguns.

Meu coração já estava mais contente e eu sabia que era o Senhor consolando-me e mostrando que as minhas expectativas eram nada comparadas ao cuidado que Ele tinha em minha vida. O Senhor tinha me guardado durante o Ensino Médio e protegido meu coração das tentações. Eu sabia que, por mim mesma, não teria conseguido; afinal, o coração do homem nasce corrompido e em pecado. Se não for a graça do Senhor para nos libertar do pecado, nada

podemos fazer.

Eu ainda era e sempre serei uma garota imperfeita buscando ser como Cristo. Cheia de pecados, falhas, orgulho, vaidade e que precisava de redenção. Só amar a Deus não me fazia mais especial ou sem pecados; por mais que tentasse viver uma vida reta, ainda enfrentava lutas e desejos pecaminosos como todo cristão.

Contudo eu podia me segurar na promessa de que meu Senhor havia vencido o mundo, e Nele eu também venceria.

A vida cristã aqui na terra sempre seria cheia de percalços, o que mudaria para nós, cristãos, era a esperança da eternidade, pois nenhuma provação se compara com o que há de vir.

A cerimônia começou logo após a chegada de todos os alunos. Graças a Deus, todos haviam sido responsáveis e o atraso tinha sido pouco.

Levantei-me junto de Leonardo quando os oradores foram chamados para o momento do discurso. Minhas palmas suavam um pouco e, quando Leonardo pegou em minha mão para me ajudar a subir os degraus do palanque, ele deu um sorriso pequeno ao notar meu nervosismo.

— Relaxa — sussurrou quando estávamos nos posicionando.

— Você lembra do que conversamos? — perguntei e ele afirmou.

Antes de a cerimônia iniciar, pedi a Leo que segurasse o microfone na minha vez de falar, já que eu estaria fazendo a interpretação em Libras para que minha irmã entendesse o discurso.

Respirei fundo ao tentar controlar as batidas aceleradas do meu coração. Olhei para o público, encontrando um certo alívio ao ver sorrisos e gestos de apoio. Minhas amigas acenaram discretamente e eu sorri.

— Boa noite, formandos, diretora, professores, famílias e amigos — Leonardo começou. Nosso discurso seria breve e nada muito cheio de rodeios. Sabíamos que as pessoas não gostavam quando era demorado e escolhemos não cansar ninguém. — É com muita honra que recebemos o convite para representarmos nossa turma nesta cerimônia. O dia de hoje marca o fim de um ciclo muito esperado por alguns e temido por outros. — Algumas pessoas riram, identificando-se. — E, como todo fim de ciclo, sempre tiramos lições daquilo que aprendemos.

— Nossa turma, amada em alguns momentos e odiada em outros, encerra o Ensino Médio sabendo que novos desafios virão em um futuro breve e, com expectativa, aguardamos por eles — iniciei a minha fala.

Observei as pessoas na plateia, já começando a sentir a emoção de todos.

— Durante os últimos três anos, vivemos como uma família. Compartilhamos alegrias, lutas, dores e tristezas — Leo falou e eu sabia que todos se lembraram de Amanda, uma colega que partiu no segundo ano ao sofrer um acidente de carro. — Estivemos nos apoiando em todos esses momentos. Choramos e nos alegramos juntos, o que me traz à memória um provérbio que diz que o amigo ama em todo o tempo e na angústia nasce um irmão.

— O Ensino Médio nos trouxe inúmeras experiências. Já não somos mais os mesmos do primeiro ano e que bom! — Tirei uma risada de todos. — Amadurecemos, crescemos e agora estamos prestes a iniciar uma nova jornada. Alguns irão para longe, outros continuarão por aqui, mas sempre guardaremos as memórias preciosas do que passamos juntos. Até aqueles que não gostaram muito do Ensino Médio terão algo para relembrar daqui a uns anos.

— Pensamos muito no futuro, no que nos aguarda agora que encerramos essa parte da nossa vida. Mas eu peço licença para citar um famoso pensador — Leonardo fez aspas com as mãos. — que diz que basta a cada dia seu próprio mal. É ótimo planejarmos nosso futuro, mas que não fiquemos presos nele e possamos viver o que Deus tem nos dado hoje.

— Os próximos anos serão cheios de desafios e precisaremos tomar decisões que irão impactar nossas vidas. Mas queremos que celebremos o hoje e nos alegremos com tudo que vivemos nesses três anos. Foram momentos preciosos que se tornarão boas lembranças. Aos nossos colegas, obrigada pelo companheirismo e amizade. O colégio com certeza se torna melhor por causa de vocês. Aos nossos queridos professores, obrigada pelos incentivos, ensinos e conselhos. Vocês fizeram a diferença em nossas vidas todas as vezes que acolheram nossas dúvidas, lágrimas e anseios. À direção da escola, na pessoa de Ana Paula, obrigada por nos escutar e nos presentear com esse baile em comemoração ao fim desta jornada. — Comecei os agradecimentos finais.

— Aos nossos familiares, que nos apoiam, incentivam e sonham conosco, nosso muito obrigado. Não seríamos os mesmos sem vocês. Pais, avós, tios, família que vai além do sangue. Que nossos próximos anos sejam recheados de alegrias e conquistas e que nossos sonhos se realizem — Leo completou.

— Somos gratos a Deus por tudo que vivemos em todos esses anos. Concluo citando um versículo: “Deem graças ao Senhor, porque ele é bom. O seu amor dura para sempre.”[9]

Obrigada! — Finalizei o discurso e recebemos os aplausos de todos.

Olhei para Leo, que sorria ao encarar a plateia. Sorri também, feliz por perceber que realmente estava finalizado o Ensino Médio. Agora era a hora de começar uma nova e longa jornada.

Ergui meus olhos para o céu e falei as palavras que queimavam em meu coração.

— Eis-me aqui! — sussurrei baixinho, sabendo que Ele ouvia. Meu coração ansioso, falho, humano e repleto de dúvidas estava aos pés do Senhor para que Ele o moldasse e fortalecesse segundo a Sua boa vontade.

Porque confiar em Deus requer a fé de que Ele sabe o que é melhor para mim. E eu confiava a Ele todos os dias da minha vida, na plena certeza de que eu jamais me arrependeria disso.



— Leonardo Oliveira Castro. — O nome de meu amigo foi chamado e ele andou até o palco sob aplausos de todos nós.

Ele agradeceu aos professores com um aceno, apertou a mão de cada um e recebeu um abraço do professor Marcos, que lhe entregou o canudo. Leo acenou, sorrindo, e logo desceu.

— Maria Luana Medeiros Fontes. — Meu nome completo nunca soou tão bem aos meus ouvidos. Levantei-me, agora mais confiante por causa dos tênis, e caminhei ao som do instrumental de “A Thousand Years” da Christina Perri, uma das minhas músicas favoritas.

Recebi o canudo do diploma e apertei as mãos dos professores na bancada. Sorri para o fotógrafo que registrava aquele momento e acenei para minha família na plateia.

Missão concluída, parte um. Dei um *check* na minha lista mental. Agora era esperar o resultado dos vestibulares e, enquanto não saíam, eu aproveitaria um pouco da vida sem ser estudante.

Havia muitos planos em minha mente para os dias que viriam, mas agora aproveitaria o baile que começaria em breve.

Depois do término da entrega dos diplomas, houve mais um momento do cerimonial, que foi finalizado com um buffet que os alunos se uniram para pagar em tempo recorde. Havia

salgadinhos, sucos, docinhos, refrigerante, *drinks* sem álcool e bolo. Não era algo tão chique, mas nos deixou com sorrisos satisfeitos.

Quando as famílias começaram a ir embora, já eram quase dez da noite.

— Onze horas seu pai vem — mamãe avisou e concordei, já pensando se conseguiria me manter ativa até esse horário.

Minhas amigas acenavam para mim e, depois de despedir-me dos meus pais, fui até elas.

— Vocês arrasaram no discurso — Fabi elogiou.

— Obrigada. — Abracei minha amiga.

— Foi muito bom mesmo. — Alessandra piscou.

— Ela é a rainha da comunicação, meus amores — Carol brincou. — Ainda não superei que você não quer cursar Jornalismo.

— Não sinto que seja a vontade do Senhor. — Dei de ombros. Amava escrever, mas era um hobby e não tinha planos de tornar meu trabalho. Gostava de estar em contato com as pessoas, e não em um escritório na frente do computador.

— Vamos tirar fotos, meninas — Paloma nos chamou e andamos até onde a turma estava.

O fotógrafo ainda estava no baile e nos divertimos fazendo poses engraçadas. Guardava na memória aquela noite, seria um dia bom para relembrar.

Nunca sabemos quando vamos fazer uma coisa pela última vez até que tenhamos feito. E, ali, eu estava sendo pela última vez uma adolescente aluna do Ensino Médio.



O baile era nada menos que os alunos conversando com música e comendo. Criava-se uma ilusão a respeito desse acontecimento, mas achei sem graça. Meus pés doíam e tudo que eu queria era estar em minha cama dormindo.

Encarei a tela do celular sabendo que logo meu pai chegaria.

Minhas amigas conversavam sobre a viagem que fariam durante o Natal e eu só assentia, sentindo o sono invadir meu corpo. Eu realmente não era uma pessoa noturna.

— Com licença, meninas — Leo se aproximou. — Uma dança. — Estendeu a mão para

mim.

Arregalei os olhos e encarei a pista de dança antes de aceitar. Seus olhos negros estavam risonhos e decidi aceitar sem nem olhar para as meninas.

— Bom trabalho — ele disse após começarmos a dançar uma tentativa de valsa. Olhei-o sem entender. — O discurso. Foi um bom trabalho.

— Com certeza — confirmei. — Ter sua amizade foi um bônus muito bom — brinquei.

— Preciso te pedir perdão — começou a falar. Já ia perguntar o porquê, mas ele continuou antes: — Fui muito implicante com você nos últimos anos e nem lembro o motivo, na verdade. — Deu um sorriso sem graça. Eu também não lembrava. — Você sempre foi uma ótima amiga, Malu. Espero que nossos caminhos se cruzem no futuro, seria bom — murmurou o último trecho mais para si mesmo.

Se fosse ano passado, minha cabeça com certeza criaria todos os cenários românticos possíveis, mas eu havia aprendido a lição. Leonardo sempre me tratou como amiga no último mês, e era isso que eu era.

Não havia romance ou qualquer imaginação do tipo. Eu sabia que, quando um rapaz queria algo sério, ele demonstrava e sabia também que Leo não faria isso mesmo se sentisse algo por mim. Ele estava indo para o campo missionário e nunca me prenderia em uma incerteza sobre o futuro nem me iludiria com promessas.

— Eu também espero. Oro a Deus para que te guie nessa missão que Ele te chamou, te sustente, ampare e seja seu conforto e abrigo quando as necessidades vierem — desejei com sinceridade.

— Eu oro a Deus para que Ele guie seus passos e te leve aonde for seu lugar. Que você encontre no Senhor tudo aquilo que sonha e necessita. Que Ele seja sempre seu alívio e fortaleza.

Nós nos encaramos por breves segundos e logo a música parou.



CAPÍTULO DEZESSEIS

“Com amor,

tia Soraia”



5 anos depois...

O diploma em minhas mãos fazia meu coração explodir de felicidade.

Quando me formei no Ensino Médio, o diploma dele me trazia um peso de insegurança. Eu não sabia os caminhos pelos quais o Senhor me guiaria, contudo eu havia feito a escolha certa.

Confiar em Deus seria algo de que eu nunca me arrependeria.

Os últimos cinco anos vieram cheios de surpresas. Quando saiu o resultado do ENEM, minha nota conseguiu que eu fosse aprovada em um curso muito desejado por muitos: Direito, todavia não era essa a vontade do Senhor para mim. Não senti paz ao ver aquela aprovação e eu sabia, no fundo do meu coração, que Deus não me queria em um escritório.

Abrir mão da vaga na tão sonhada Federal foi uma decisão criticada por todos, mas eu sabia que era bom obedecer a Deus.

Durante toda minha curta trajetória, eu tinha aprendido com irmãos mais velhos na fé que toda renúncia por amor a Deus valia a pena e eu dei esse passo de olhos fechados, confiando que o Senhor proveria tudo de que eu necessitasse.

Então, comecei a trabalhar como atendente em uma farmácia e logo veio o resultado do vestibular de uma faculdade privada de minha cidade: aprovada em Enfermagem com cem por cento de bolsa, e eu senti paz.

Foram cinco anos de faculdade noturna, em que eu me dividia entre trabalho e estudos. Vi a mão do Senhor sobre minha vida e nunca estive tão contente em ser obediente à Sua vontade, mesmo que custasse muito. Afinal, é justo que muito custe o que muito vale.

A faculdade me ensinou muito além da minha, agora, profissão. Eu aprendi o quanto podia servir aos meus irmãos com ela e que, no final, servir sempre foi meu maior desejo.

Servir primeiramente ao Senhor e, então, aos meus irmãos. Com certeza eu também conseguiria servir a Deus com outra faculdade, como Direito, mas eu entendia que, para cada pessoa, Deus tinha um propósito. Ele podia usar engenheiros, advogados, médicos, professores, designers, atendentes de farmácia e enfermeiros, tudo para Sua glória.

A maior missão de um crente não seria seu emprego, mas levar o Senhor através dele. No fim, não importava muito o curso que escolhíamos, o que importava era como glorificávamos a Deus com ele.

“Malu” minha irmã, agora com quinze anos, abraçou-me.

Toquei seu rosto adolescente, sabendo que em breve ela passaria pelas angústias que enfrentei e pedi em pensamento para que Deus a guiasse em suas escolhas e que ela soubesse que a vontade Dele sempre seria perfeita.

“Mabi.” Abracei-lhe de volta.

“Finalmente acabou!” Bateu palmas em comemoração.

“Graças a Deus.” Ri animada

Meus pais também se aproximaram e abracei cada um, agradecendo por todo apoio que me deram nos últimos anos; como foi importante a ajuda deles em cada fase.

— Parabéns, minha querida — mamãe disse. — Que o Senhor continue sendo seu guia.

— Parabéns, filha. — Papai deixou um beijo em minha testa. — Estamos muito felizes por você.

Eu sentia aquela felicidade. Sentia-me grata a Deus e pronta para os próximos passos que eu daria.

Meu coração parecia que iria explodir a qualquer momento de tanta alegria. Meus olhos se enchiam de lágrimas com todo o carinho recebido.

Meus avós também estavam presentes e recebi seus abraços amorosos.

— Estamos tão felizes por você, querida — vovô falou emocionado.

— Obrigada, vô.

Acenei para as amigas que fiz durante o curso, e fiquei alegre ao vê-las com suas famílias também. Todos nós enfrentamos muitas dificuldades ao longo do curso, mas Deus havia nos mantido firmes e fortes.

Pensei em desistir muitas vezes, porém em todas elas sentia o Senhor renovando minhas forças. E agora eu sabia o motivo de o Senhor ter me levado para aquela profissão.

Nem em meus maiores sonhos imaginaria os planos do Senhor.

Há um ano, em minhas férias de julho, eu havia participado de uma escola de missões de férias em outro estado e minha vida mudou completamente e da melhor forma possível.

— Olha quem está ali! — Vovó apontou e procurei quem era.

Meu sorriso foi automático ao encontrar o dono dos olhos mais doces que eu conhecia. Ele segurava um buquê de lírios lilases, minha flor favorita.

Leonardo me encarava com um sorriso enorme, semelhante ao meu.

Eu o reencontrei quatro anos após ele ter ido embora, na mesma escola de missões de férias.

Ele era um dos coordenadores do curso e foi uma surpresa enorme, já que havíamos perdido contato.

Não demorou muito e nos reaproximamos, nossa amizade ficou mais forte e mantivemos contato após o fim da escola de missões. Até que ele veio à nossa cidade e me pediu em casamento. Foi uma surpresa para mim, apesar de esperar alguma atitude dele.

Estávamos noivos há quatro meses e, em dois, seríamos marido e esposa. Apesar de algumas pessoas falarem que era rápido demais, eu sabia que não. Conhecia Leo desde criança e

não havia motivos para prolongarmos a espera.

Sabíamos de nossos sentimentos, tínhamos a aprovação de nossos pais e logo embarcaríamos em uma missão no sertão nordestino. Ele coordenaria outro curso de missões de férias e eu sabia que Deus estava me chamando para isso também. Meu curso serviria para ajudar as pessoas em situação de vulnerabilidade social.

No fim, Deus havia me levado ao curso certo e eu sentia paz por obedecer ao Senhor antes de qualquer coisa.

— Parabéns, meu amor. — Beijou minha testa e entregou-me o buquê.

— Obrigada, meu bem. — Estava emocionada com o carinho. Encostei a cabeça em seu peito, recebendo um afago em meus cabelos.

— Quase me atrasei por causa do ônibus, desculpe — pediu baixinho. Leonardo não estava mais morando em nossa cidade e veio só para minha formatura.

— O importante é que você está aqui — falei olhando em seus olhos.

Leo segurou minha mão e fez um carinho que me tirou um sorriso.

Nós nos juntamos aos nossos familiares, pois seus pais estavam com ele, e combinamos de ir jantar pizza.

— Leo, que bom que conseguiu vir. — Mamãe o abraçou. Ela era, sem dúvida, a maior fã dele.

— Quase não cheguei, dona Fernanda. Mas deu certo, graças a Deus — ele disse.

A aprovação dos meus pais era com certeza minha grande alegria. Ainda lembrava do dia que Leo foi em nossa casa conversar com meus pais e eu cheguei no meio, sem entender o que ele estava fazendo ali.

Eles desconversaram e, só quando ele veio falar comigo, explicou que já havia falado com meus pais.

— Agora vem um novo desafio — Leo comentou e acenei em concordância.

— Será que posso dizer que estou ansiosa?

— Sem medo?

Dei de ombros.

— Já me acostumei com o medo, o importante é que Deus está conosco.

— O mais importante.

Eu sabia que o futuro podia ser desconhecido para mim, mas, para Deus, não. Ele já estava lá, muito antes de mim, muito antes dos meus planos. Eu ainda tinha medos e ansiedades, contudo havia aprendido que o melhor lugar para lançar cada preocupação era aos pés do meu Salvador, na certeza de que Ele cuidava muito melhor do que eu dos meus sonhos.



CAPÍTULO DEZESSETE

O grande dia, enfim, tinha chegado. Minhas orações de toda uma adolescência haviam sido respondidas e agora eu sabia que toda espera e renúncia valeram a pena.

Meu coração parecia explodir de felicidade. A cerimônia em breve começaria e eu já estava pronta, somente esperando meu pai vir me buscar.

Leo e eu havíamos decidido fazer um casamento pequeno. Então juntamos nossas famílias e, no sítio dos meus avós, arrumamos juntos o espaço. Quando vi tudo pronto, emocionei-me ao pensar que estava do jeito que sempre sonhei, ou melhor, além. Deus sempre fazia mais do que eu podia imaginar. Ele tinha cuidado do meu coração e de todos os meus dias até aqui e eu sabia que ele continuaria cuidando.

Deus me fez encontrar nEle toda a suficiência de que eu precisava. Mesmo que eu nunca me casasse, seria feliz no Senhor e isso era o que me deixava mais contente. Deus não me devia um casamento por eu ter me guardado. Mas tinha me presenteado com mais do que eu poderia imaginar.

Se alguém me dissesse seis anos atrás que eu me casaria com meu antigo melhor amigo, eu diria que era loucura. Contudo ali estávamos nós, prestes a nos tornar um para sempre.

Abanei meu rosto na tentativa de controlar as lágrimas que insistiam em querer descer.

Andei pelo quarto, estranhando toda a demora e, quando estava prestes a abrir a porta, escutei uma leve batida.

— Amor? — Ouvi Leo me chamar.

— Oi, aconteceu algo? — estranhei.

— Queria orar com você antes de iniciarmos a cerimônia. O que acha de abrir só um pouco a porta e darmos as mãos?

Abri uma frestinha e logo vi sua mão estendida. Segurei com carinho, recebendo um aperto cuidadoso. Eu queria não chorar, mas estava se tornando uma missão impossível.

— Você sabia que te amo há muito tempo?

— É?

— Sim, meu amor. Você é meu primeiro amor e sou grato a Deus pelo privilégio de estarmos nos casando.

— Eu te amo — respondi, já com a voz embargada.

Leonardo era meu melhor amigo, o amor de uma vida toda e, em alguns minutos, meu esposo. Deus era o melhor escritor de histórias de amor.

Meu noivo orou por nós, pelo nosso casamento, futuro, filhos, planos, sonhos e entregou nas mãos do Senhor toda a nossa vida. Eu agradeci a Deus por sua graça sobre nós, por Sua bondade e por escrever a nossa história com tanto cuidado.

Leo e eu nos conhecíamos de uma vida, mas o Senhor soube o momento certo de fazer os sentimentos florescerem. Como era bom confiar no Senhor.

Encerramos nossa oração e, após Leo sair, o quarto foi invadido por minhas amigas, que quase me mataram ao ver a maquiagem borrada. Mas, antes que elas a retocassem, fizeram um círculo e oraram comigo.

Deus havia me presenteado com amizades sinceras e amorosas. Que O amavam também. Eu tinha tantos motivos para ser grata a Deus.

Após o retoque da maquiagem, foi a vez de o meu pai entrar no quarto e eu quase chorei novamente quando ele enxugou as próprias lágrimas ao me ver.

— Minha menina! — Abraçou-me com cuidado. — Desde antes de você nascer, eu tenho orado por sua vida. Orei por este dia também. Para que o Senhor cuidasse do seu coração, protegesse e que fosse amada por um rapaz que amasse a Deus acima de todas as coisas. Valeu a pena a espera, né, filha?

— Valeu, papai.

— Agora, vamos, que seu noivo te aguarda. Seja muito feliz. Papai estará sempre orando por vocês.

Assenti, emocionada. Até o fim da festa, eu estaria desidratada de tanto chorar. Não havia maquiagem que resistisse a tantas emoções.

Fui guiada por meu pai e, antes que eu saísse de dentro de casa, mamãe apareceu.

— Te amo, querida. — Beijou minha testa. — Que Deus seja o centro do casamento de vocês. Sei que serão muito felizes!

Abracei minha mãe, relembrando todas as nossas conversas dos últimos anos. Minha melhor amiga e conselheira, que ouvia minhas dores, frustrações, sonhos e que jamais soltou minha mão. Meus pais eram um presente de Deus.

Mabi já havia entrado, jogando as flores; mesmo que não fosse criança, ela havia insistido. Quando ouvi a música que havia embalado minha adolescência, soube que era hora de encontrar o meu amado.

“Segura minha mão
Você terá que me cuidar
É teu meu coração
Se você for meu par
Ninguém gosta de solidão
Mas escolhi te esperar
Fiz uma oração para este dia chegar.”[10]

A decoração do lugar estava a nossa cara. Cada detalhe tinha sido pensado por mim e por Leo. As cadeiras eram simples e a passarela por onde eu entrava estava coberta de flores brancas, que, junto de algumas folhas, também enfeitavam o arco no altar.

Direcionei meus olhos ao meu noivo, que enxugava o rosto com o lenço.

Ao chegarmos perto do altar, papai beijou minha testa e entregou minha mão para Leonardo, que me encarava como se eu fosse a coisa mais linda que ele já havia visto.

Seus olhos sempre demonstraram tudo que ele sentia por mim e, naquele momento, tudo que eu via era amor.

O instrumental da música tocava exatamente a parte que falava sobre a oração para este dia chegar e não havia feito apenas uma oração, tinham sido várias e finalmente o dia chegara.

O pastor iniciou a cerimônia lendo em 1 Coríntios 13:4-7 sobre o amor:

— "O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta."

Olhei para meu noivo e o encontrei encarando-me. Havia tanto naquele olhar, promessas de uma vida toda e para sempre.

Quando chegou a hora dos votos, Leo foi o primeiro.

— Maria Luana. — Deu uma risadinha, acompanhado pelos convidados. — Malu, você é retrato da graça de Deus em minha vida. Eu te amei quando era um adolescente e, sem saber lidar com aqueles sentimentos, acabei me afastando de você. Mas Deus, em sua infinita misericórdia, nos aproximou novamente. Aquele baile mudou tudo, Malu. Eu pedi a Deus que a vontade dEle fosse feita em nossa vida, mas eu desejava que você fosse parte dessa vontade. Quando fui embora, senti que deixava uma parte do meu coração com você. Te reencontrar foi o melhor presente que eu poderia ter ganhado do Senhor e eu soube, quando vi você, que era para sempre, que não te deixaria partir mais. Eu prometo te respeitar, te honrar, te amar todos os dias da minha vida, até quando você estiver de TPM — brincou. — Prometo ser leal a você, a ser mais como Cristo e te amar como Ele amou a Igreja, dando minha vida se assim for necessário. Prometo segurar sua mão hoje e para sempre. Prometo ser seu par até o fim desta dança. Prometo, acima de tudo, lembrar que você pertence ao Senhor antes de mim e, por isso, devo cuidar de você como a joia preciosa que você é. Meu amor é todo seu. Encontrei em você maior tesouro do que rubis. Eu te amo!

Precisei enxugar as lágrimas quando ele terminou. Leo colocou a aliança em meu dedo e beijou minha mão com carinho e amor.

— Leonardo, eu reescrevi muitas vezes estes votos tentando achar as palavras certas para declarar meu amor a você, mas sinto que nada seria suficiente, por isso, prometo passar o resto da minha vida mostrando-lhe meu amor. Prometo ser sua melhor amiga, sua esposa, sua amante, sua companheira para todo sempre. Ser fiel, ser sua auxiliadora, ser seu repouso nos dias difíceis. Que o Senhor seja sempre o centro do nosso casamento. Que, nos dias de tempestade, eu possa ser seu aconchego. — Minha voz embargou e tive que respirar antes de prosseguir. — Meu amor será sempre dedicado a você. Que o Senhor me ajude a ser a esposa que você precisa. Eu te amei como melhor amigo e estou pronta para te amar para sempre como meu esposo. Orei ao Senhor, não somente uma, mas várias vezes, por você sem saber que era você o dono do meu coração. Deus fez muito além do que eu poderia imaginar. Você é minha resposta de oração, Leo. Obrigada por ser meu par nesta dança e por segurar minha mão. Em você, eu encontrei o amor. Eu te amo, hoje e sempre!

Coloquei a aliança em seu dedo e dei um beijo em sua mão.

O pastor disse mais algumas palavras, orou por nós e enfim…

— Pode beijar a noiva!

Leo sorriu e encarou-me por alguns segundos antes de segurar meu rosto com cuidado e encostar nossos lábios em um primeiro beijo singelo e doce.

— Eu te amo, senhora Castro.

— Eu te amo, senhor Castro.

Aquele baile de formatura do Ensino Médio havia mudado minha vida, não somente acadêmica. Nele, despedi-me do meu amor sem saber que o Senhor nos uniria novamente e para sempre.

Eu entreguei a minha vida, todas as partes dela, ao Senhor Jesus e havia valido a pena toda a espera e entrega.

Confiar em Deus e descansar em Sua vontade sempre seria a melhor escolha que eu poderia fazer.



EPÍLOGO

“Querida futura eu (é muito estranho começar a carta assim), é difícil pensar que você sou eu, mas eu ainda não sou você. Ainda tenho um longo caminho a percorrer para te encontrar, para me transformar na versão de nós que está lendo esta carta. Para ser exata, no momento que escrevo, faltam dez anos.

Tanta coisa que eu gostaria de saber, te perguntar e, bom, eu sei que é impossível receber as respostas agora. Então decidi colocar minhas angústias, dúvidas e desnudar para você quem eu sou neste momento, caso você tenha esquecido. O tempo faz essas coisas.

Enquanto escrevo, sou uma adolescente prestes a concluir o Ensino Médio. Perdida, cheia de dúvidas e completamente em crise a respeito do futuro. Não sei que curso vou fazer, se irei mesmo a uma faculdade, quais os planos do Senhor para nossa vida. São tantos ‘não sei’ que eu me pergunto o que eu realmente sei.

Como é por aí? Sem dúvida essa é a pergunta de um milhão.

Se soubéssemos o futuro, eu suponho que não nos preocuparíamos tanto com ele. Ou não.

O ser humano é um mistério, querendo sempre saber mais do que é necessário.

Eu tenho sido provada a respeito de confiança em Deus e, sem querer te desanimar, mas eu sinto que essa será uma luta constante.

Confiar em Deus é como caminhar no escuro crendo que ele será sua luz. E eu confio, Malu do futuro. Em meio a tanta incerteza, a minha única certeza é que vai valer a pena entregar toda minha vida aos pés do Senhor. Por favor, não esqueça isso.

Eu sinto que dez anos podem mudar muito a vida de uma pessoa. Não sou a mesma de quando tinha oito anos e, com certeza, não serei a mesma de vinte oito.

Que loucura pensar isso.

Não sei que fase você estará vivendo, não sei quais serão suas lutas e talvez você ainda lute contra as dúvidas e incertezas que cercam a vida do ser humano.

Eu gostaria de saber as respostas. Gostaria de ter um conselho que vai mudar sua vida aos vinte e oito.

Mas sinto te dizer que eu não tenho.

A verdade que eu sei hoje é a que eu preciso ter certeza de que você saberá daqui a dez anos.

Então, se eu pudesse (e estou fazendo isso) enviar uma mensagem para o futuro, seria para te dizer:

Você pode mudar, o Senhor, não.

Ele é o mesmo de quando você tinha oito anos e estava conhecendo-o, Ele é o mesmo de agora enquanto escrevo e vai ser o mesmo que você conhece enquanto lê esta carta.

Não deixe seus sentimentos definirem quem Deus é para você.

Que você repouse seu coração na graça abundante de Jesus e na certeza de que Ele cuida de suas ansiedades, assim como tem cuidado das minhas enquanto escrevo.

Espero que, ao ler esta carta, você encontre o que espera.

Desejo que você esteja bem e, se as coisas não estiverem, se você estiver andando por maus caminhos, saiba que sempre há um recomeço em Cristo. Enquanto há vida, há esperança.

Tudo que eu preciso saber agora, e o que você precisará saber daqui a dez anos, não é sobre quem você é, não é sobre seus próximos anos.

Tudo que você precisa saber e o que eu desejo que saiba é que vale a pena confiar em

Deus e entregar tudo que você tem aos pés dEle.

Ele cuida dos pássaros do céu e dos lírios do campo, Ele cuida de você.

Querida futura eu, continue confiando no Senhor.

A jornada é longa, mas Ele continua sendo o mesmo e estará com você em cada passo. Mantenha os olhos fixos no alvo. E lembre-se: a eternidade é logo ali.

Nos encontramos daqui a dez anos!

Com amor,

Malu.”

FIM!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, obrigada ao meu Senhor e Salvador. Foi o Senhor quem me fez escritora e me deu esta história. Toda honra e glória a Jesus!

Aos meus pais, obrigada por sempre apoiarem os meus sonhos e sonharem comigo. Por cada oração, por cada injeção de ânimo quando eu quero desistir. Vocês são os melhores pais que eu poderia ter. Com vocês, eu sei que posso ir sempre além!

Às minhas betas, Álefe Brite, Beatriz Castro, Ellen Santana, Marayza Medeiros, Lavínia Queiroz, Sara Passos e Quézia Cardoso, obrigada por cada palavra de apoio, ânimo e correção. Este livro está melhor por causa de vocês.

Às minhas queridas Débora Ciampi Eller e Sophia Reis, revisora e capista respectivamente, obrigada. Esta história ficou ainda mais bonita com o toque de vocês!

Para cada leitor, meu obrigada! Espero que tenham gostado da história da Malu e que este livro tenha sido bênção em suas vidas. Espero encontrá-los no próximo!

Soli Deo Gloria!

SOBRE A AUTORA



Rebeca Ferreira nasceu em maio de 2003 no interior do Maranhão. É cristã protestante, apaixonada por livros e estudante de Psicologia. Publicou seu primeiro livro, “Rei da Luz”, em 2022 e, desde então, tem se dedicado a escrever ficção cristã e levar a mensagem do evangelho através dos livros. Sua maior missão é escrever sobre Aquele que a salvou, Jesus.

Acompanhe a autora nas redes sociais:

Instagram — @autorarebecaferreira

TikTok — @autorarebecaferreira

---

[1] 1 Pedro 5:7.
[2] Romanos 12:2.
[3] Hebreus 11:1
[4] “Providência”, de Karol e Rander

[5] “De inimigos a amantes” em inglês, uma das tropes literárias mais famosas.
[6] Frase retirada do livro “Paixão e Pureza”, de Elisabeth Elliot.
[7] Cantares 2:7.
[8] 1 Coríntios 10:31.
[9] Salmo 136:1.
[10] “Escolhi Te Esperar”, da Marcela Taís.